

EXPEDIENTE

JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA

Diretor-Executivo: Pr. João Marcos Barreto Soares

Gerente de Missões: Pr. Alexandre Felício Peixoto

REVISTA DE REFLEXÃO MISSIONOLÓGICA

Núcleo de Inteligência Missionária

Coordenador: Pr. Daniel da Cruz Moulié Corrêa

EDITORES-EXECUTIVOS

Doutora Analzira Pereira do Nascimento

Doutor Alcir Almeida de Souza

Doutorando Anderson Silva de Araujo

CONSELHO EDITORIAL

Doutora Analzira Pereira do Nascimento, Faculdade Teológica Batista de São Paulo - FTSP, Brasil

Doutor Alcir Almeida de Souza, Seminário Teológico Batista de Queluz - STBQ, Portugal

Doutor Reinaldo Arruda Pereira, Faculdades Batistas do Paraná - FABAPAR, Brasil

Doutor Daniel Clark

Doutor Jonathan Eric Sharp

REVISÃO

Redação, Gerência de Comunicação e Marketing, Junta de Missões Mundiais

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Gerência de Comunicação e Marketing, Junta de Missões Mundiais

INSTITUCIONAL

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA JUNTA DE MISSÕES MUNDIAIS GERÊNCIA DE MISSÕES

Rio de Janeiro, Brasil

Rua José Higino, 416 - Prédio 21, Tijuca.

CEP: 20510-412 - Rio de Janeiro - RJ e-mail:

centraldeatendimento@jmm.org.br

www.missoesmundiais.com.br

Contato (21) 2122-1901 / 2730-6800 (cidades com DDD 21)

0800-709-1900 (demais localidades)

SOBRE A REVISTA

REVISTA DE REFLEXÃO MISSIOLÓGICA

Periódico sobre Tendências e Desafios Globais da Missão

A Revista de *Reflexão Missiológica*, lançada em 2021, é uma publicação eletrônica semestral, ISSN: 2764-8885, produzida pelo Núcleo de Inteligência Missionária - Gerência de Missões, da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira.

MISSÃO

A *Reflexão Missiológica* tem como missão ser um espaço de reflexão e diálogo que estimule a publicação de textos inéditos em língua portuguesa, fomentando pesquisas interdisciplinares relevantes à *praxis* missionária.

OBJETIVOS

A partir de sua vinculação institucional e confessional, ser um espaço que:

- Evidencie a riqueza da diversidade de pensamento e da reflexão crítica no campo da missiologia e áreas correlatas;
- Divulgue resultados de pesquisas inovadoras e de projetos/ações missionais relevantes com vistas ao enriquecimento do saber missiológico e da *praxis* missionária da igreja;

-
- Acompanhe e fomenta a produção missiológica que se efetua em outros países, assinalando a vocação internacional da revista;
Registre a produção de conhecimento no contexto missiológico contemporâneo.

SOBRE A REVISTA

PÚBLICO-ALVO

Os conteúdos da revista destinam-se prioritariamente ao público acadêmico, a saber, professores, pesquisadores e estudantes, bem como cristãos interessados na reflexão teológico-missionária.

PERIODICIDADE

A Revista de *Reflexão Missiológica* é uma publicação semestral (janeiro-junho e julho- dezembro) no formato eletrônico ISSN: 2764-8885.

PROCESSO DE AVALIAÇÃO PELOS PARES

Os textos aceitos pelo Conselho Editorial serão submetidos à avaliação de dois avaliadores *ad hoc*, pelo sistema de avaliação cega (*Double Blind Review*). Os avaliadores terão um prazo de até quatro semanas para emitir decisão favorável, desfavorável ou favorável sob condições de revisão. Fica reservada à Comissão Editorial o direito de solicitar pareceres adicionais. Todo o processo deve ser realizado, normalmente, em um período de dois meses.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público universaliza o conhecimento.

CUSTO DE PROCESSAMENTO E ENVIO DOS ARTIGOS

A submissão de artigos na Revista de *Reflexão Missiológica* é livre e gratuita e não contempla remuneração aos seus autores.

DIRETRIZES PARA AUTORES

Resumo/Abstract

O resumo deve ter até 200 palavras, espaçamento simples entrelinhas. A estrutura do resumo deve conter: objetivo do artigo, metodologia ou recorte utilizado, dados colhidos e breves considerações das análises efetuadas. Se o artigo for escrito em português, o resumo deve ser traduzido também para o inglês. Deverão ser apresentadas de 3 a 6 palavras-chave separadas por ponto.

Referências

As referências utilizadas no artigo deverão ser apresentadas ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023. As referências deverão ser alinhadas à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

DIRETRIZES PARA AUTORES

Vozes do Campo - Relatos de Experiência

Os Relatos de Experiência deverão ser de experiências próprias ou de terceiros. Caso seja um relato de terceiros, é necessário ter relação com o(a) autor(a). Os relatos devem conter entre 5 a 8 mil caracteres com espaços. Devem ser digitados em editor de texto Word for Windows, em página A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento entrelinhas 1,5. Devem conter nome completo do autor(a), país de referência e o relato de experiência ao final do mesmo.

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word” ou compatível, com a configuração da página em folha tamanho A4 (29,7 x 21 cm); margens: superior 3 (três) cm; inferior 2 (dois) cm; esquerda 3 (três) cm; direita 2 (dois) cm; espaçamento entrelinhas: 1,5, fonte Arial. No caso de uso de fonte especiais deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (no máximo 3 anos de publicação) ou obras literárias de referência e devem conter entre 5 a 8 mil caracteres com espaços. Devem ser digitadas em editor de texto Word for Windows, em página A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento entrelinhas 1,5. Devem conter título, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word” ou compatível, com a configuração da página em folha tamanho A4 (29,7 x 21 cm); margens: superior 3 (três) cm; inferior 2 (dois) cm; esquerda 3 (três) cm; direita 2 (dois) cm; espaçamento entrelinhas: 1,5, fonte Arial. No caso de uso de fonte especiais deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

DIREITO AUTORAL E POLÍTICAS

DECLARAÇÃO DE DIREITO AUTORAL

Estou ciente de que, através da submissão voluntária de meu texto ao corpo editorial da Revista de *Reflexão Missiológica*, editada pela Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira, autorizo a mesma a publicar o respectivo texto na revista a título não oneroso e declarando a originalidade do texto e sua não submissão simultânea a qualquer outro periódico, em meu nome e em nome das demais pessoas coautoras, se eventualmente existirem. Permaneço como titular de todos os direitos autorais e comprometo-me a não submeter este mesmo texto a qualquer outra publicação no prazo de, pelo menos, um (1) ano a partir da data de publicação do texto, além de, em caso de nova publicação, fazer referência à publicação original na Revista de *Reflexão Missiológica*.

POLÍTICA DE RESPONSABILIDADE AUTORAL

Os autores assumem inteira responsabilidade pelo conteúdo dos textos de sua autoria. As pesquisas dos autores não necessariamente expressam a linha editorial e entendimento da Revista de *Reflexão Missiológica*.

POLÍTICA DE PRIVACIDADE

Os nomes e endereços informados na Revista de ***Reflexão Missiológica*** serão usados exclusivamente para os serviços prestados por esta publicação, não sendo disponibilizados para outras finalidades ou a terceiros.

INFORMAÇÕES GERAIS

EXPLICAÇÃO SOBRE AS SEÇÕES DA REVISTA

Apresentação

Em todas as publicações haverá a seção de "Apresentação", que tem por objetivo de apresentar o principal assunto abordado na publicação e desafiar o público-alvo para a discussão.

Editorial

Esta seção apresentará a opinião do Conselho Editorial da Revista de ***Reflexão Missiológica***, apresentando o posicionamento e sua linha editorial. Neste espaço será discorrido sobre o tema principal da publicação.

Artigos

Nesta seção serão apresentados os artigos científicos aprovados pelo Conselho Editorial durante o fluxo de trabalho da Revista de ***Reflexão Missiológica***.

Resenhas

Nesta seção serão apresentadas as sínteses de livros escolhidos pelo Conselho Editorial, que têm por objetivo despertar a atenção do leitor para o livro em questão, situando-o quanto à importância da obra. Portanto, esta seção será um convite à leitura de livros atuais e de referência em missiologia.

Vozes do Campo

Nesta seção serão apresentados os relatos de experiências missionárias, com o objetivo de colaborar e contribuir com as pesquisas científicas desenvolvidas pela comunidade acadêmica.

SUBMISSÕES

DIRETRIZES PARA AUTORES

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word” ou compatível, com a configuração da página em folha tamanho A4 (29,7 x 21 cm); margens: superior 3 (três) cm; inferior 2 (dois) cm; esquerda 3 (três) cm; direita 2 (dois) cm; espaçamento entrelinhas: 1,5, fonte Arial. No caso de uso de fonte especiais deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Texto principal

O corpo do texto deve ser obrigatoriamente iniciado pela “introdução” e concluído pelas “considerações finais” e a lista de “referências”. O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 14. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento 1,5. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 10, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 9. As palavras estrangeiras deverão estar em itálico, sem aspas. As referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subseqüentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”. O artigo completo deverá ter entre 18.000 e 20.000 caracteres com espaços, incluídas as referências e as notas. Quadros e gráficos deverão ser incluídos no corpo do texto (a utilização de determinadas imagens pode implicar ocasionalmente a busca de uma declaração ou autorização de uso das mesmas).



Editorial

Alcir Almeida de Souza

Em um tempo marcado por intensas transformações culturais, fluxos migratórios globais, revisões críticas do passado colonial e rápidas inovações tecnológicas, a reflexão missiológica é desafiada a aprofundar suas raízes bíblicas e, simultaneamente, ampliar sua percepção acerca das implicações destas mudanças para a missão da Igreja. Esta missão, que não acontece no vácuo, mas no interior de histórias concretas, culturas específicas e dinâmicas globais complexas carece de discernimento teológico, sensibilidade antropológica e criatividade pastoral. Esta edição da *Revista de Reflexão Missiológica* procura contribuir para esse diálogo, reunindo artigos que abordam, sob diferentes perspectivas, a contextualização do evangelho, a identidade humana, a vida comunitária e os desafios da era digital.

No artigo **“Antropologia da Missão em Cabo Verde: cultura, cosmovisão e contextualização do Evangelho”**, Daniel Moulié articula fundamentos da antropologia missionária com uma análise contextual do contexto cabo-verdiano. O autor propõe caminhos práticos para uma contextualização fiel, destacando elementos redentores presentes na cultura local. A seguir, Igor Bicalho, em **“Ser de relação e história única: como processos de colonização ferem a identidade humana”**, oferece uma análise da identidade humana como realidade relacional, examina como dinâmicas colonizadoras fragmentam a Imago Dei e propõe caminhos missionários baseados no respeito cultural e na pluralidade de narrativas. Em **“Igreja Local e as mudanças paradigmáticas globais: desafios para uma missiologia diaspórica”**, Rebeca Fontoura reflete sobre os impactos dos fluxos migratórios globais na missão da igreja. Seu artigo sublinha o papel estratégico da igreja local na integração da diáspora, assumindo uma abordagem relacional e não etnocêntrica.

Em seguida, Aline Ribeiro contribui com **“A dança da graça: uma teologia prática da interdependência e do cuidado mútuo”**, explorando o cuidado mútuo como expressão concreta da vida cristã, contrapondo o individualismo contemporâneo à dinâmica bíblica da interdependência. Encerrando esta seção, Anderson Araujo, Viviane Santos e Fabio Silva apresentam **“Ciência Aberta e a Prática Missiológica na Era Digital: Transparência, Colaboração e a Democratização do Conhecimento Missiológico”**, no qual analisam a aplicação dos princípios da Recomendação da UNESCO (2021) ao campo missionário. Os autores apontam a informação teológica como bem comum da

igreja global e propõem estratégias concretas de acesso aberto, gestão de dados e uso ético da inteligência artificial.

A edição inclui ainda uma resenha, de Daniel Moulié, da obra *História do Movimento Missionário*, de Justo L. González, bem como as *“Vozes do Campo”*, que relatam experiências missionárias em três contextos de vulnerabilidade e sensibilidade cultural. O testemunho do PEPE Venezuela apresenta um modelo de discipulado infantil e cuidado integral que, mesmo em meio à instabilidade nacional, articula educação, nutrição e formação espiritual, alcançando crianças, famílias e comunidades. O projeto *“Os Últimos 17”*, no Sudeste Asiático, descreve o acesso ao evangelho entre povos não engajados, combinando planejamento estratégico, sensibilidade cultural e prudência em ambiente restritivo. Por fim, o relato sobre liderança multiplicadora em Guiné-Bissau destaca o investimento intencional em discipulado intergeracional e formação teológica e profissional como caminho para igrejas saudáveis, autossustentáveis e socialmente relevantes.

Com este conjunto de textos, a revista reafirma seu compromisso com uma reflexão missiológica bíblicamente enraizada, teologicamente saudável e sensível aos sinais do nosso tempo. Que esta edição estimule não apenas a reflexão acadêmica, mas também práticas missionárias mais conscientes, justas e encarnadas no mundo.

Boa Leitura!

ANTROPOLOGIA DA MISSÃO EM CABO VERDE: CULTURA, COSMOVISÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO EVANGELHO

Daniel da Cruz Moulié Corrêa¹

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar como a antropologia missionária pode contribuir para o desenvolvimento transcultural da missão em Cabo Verde, oferecendo um plano prático de atuação. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica em autores de referência, associada à análise contextual do campo missionário cabo-verdiano em seus aspectos históricos, culturais e religiosos. Os dados colhidos evidenciam que a fluência no *krioulu kabuverdianu* é essencial para a comunicação eficaz; que fatores de estresse como custo de vida, logística insular, saúde e educação exigem estratégias de mitigação; e que a matriz cultural predominante é honra–vergonha, com traços de medo–poder e culpa–inocência. As análises indicam ainda que a *morabeza*, a musicalidade e as refeições comunitárias oferecem pontos redentivos relevantes para a comunicação do evangelho. Conclui-se que a escuta atenta e o discernimento entre o essencial e o negociável permitem uma contextualização fiel e transformadora, capaz de proclamar Cristo como aquele que restaura a honra e acolhe na família de Deus.

Palavras-Chave: Antropologia missionária. Cabo Verde. Contextualização do evangelho. Honra–vergonha. Krioulu kabuverdianu.

¹ Daniel é missionário da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira e atua como Líder Global de Inteligência Missionária. É mestrando em Teologia com ênfase em Missiologia na FABAPAR – Faculdades Batista do Paraná. É formado em Química e teologia (livre). Possui formação em Inteligência e Contrainteligência pela Escola de Inteligência do Exército, e, Geopolítica e Liderança Estratégica pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército. Tem especialização em Engenharia Ambiental e certificação internacional em Gestão de Projetos Sociais pela APMG International. Atua na coordenação de estratégias de inteligência e segurança em contextos de atuação missionária, especialmente em cenários de instabilidade geopolítica.

Abstract

The article aims to analyze how missiological anthropology can contribute to the cross-cultural development of mission in Cape Verde, offering a practical plan of action. The methodology used was a literature review of reference authors, combined with contextual analysis of the Cape Verdean mission field in its historical, cultural, and religious aspects. The data collected show that fluency in krioulu kabuverdianu is essential for effective communication; that stress factors such as cost of living, insular logistics, health, and education require mitigation strategies; and that the predominant cultural matrix is honor–shame, with traces of fear–power and guilt–innocence. The analysis also indicates that morabeza, musicality, and communal meals provide significant redemptive points for communicating the gospel. It concludes that attentive listening and discernment between the essential and the negotiable allow for a faithful and transformative contextualization, capable of proclaiming Christ as the one who restores honor and welcomes people into God's family.

Keywords: Missiological anthropology. Cape Verde. Gospel contextualization. Honor–shame. Krioulu kabuverdianu.

Introdução

O missionário contemporâneo precisa agir como um antropólogo informal, onde precisará observar, descrever e interpretar a realidade local para, depois, então, responder com uma teologia encarnada que respeite o “outro” e confronte aquilo que distorce a verdade de Cristo.

Segundo LIDÓRIO (2011, p. 19-20), a antropologia Missionária objetiva entender o homem como um ser biológico e cultural com o foco no desenvolvimento das relações interpessoais e que promova a partilha das verdades em Cristo a partir da cultura local. Para HIEBERT (2005, p. 30), a cultura é definida como “os sistemas mais ou menos integrados de ideias, sentimentos, valores e seus padrões associados de comportamento e produtos, compartilhados por um grupo de pessoas que organiza e regulamenta o que pensa, sente e faz”. GONZÁLEZ (2011, p. 79) afirma que “a cultura faz parte do propósito de Deus para a criação e que, portanto, o fato de haver cultura é sinal de sua presença e de sua obra”. Segundo LIDÓRIO (2011, p. 41),

“A antropologia missionária fundamenta-se numa perspectiva de dinâmica social e cultural, de entendimento do homem num processo de constante mudança a partir de ideias próprias ou de intervenções externas. Ela percebe a sociedade humana numa continuada busca por soluções para as problemáticas da vida e se propõe a dialogar e a interagir, com a intenção de partilhar valores e princípios que se mostram válidos para o homem, de acordo com os critérios éticos de autonomia e liberdade.”

Sendo assim, este trabalho visa aplicar esses princípios ao contexto de Cabo Verde, campo escolhido pelo autor do trabalho, visto já ter experiência prévia no país. Cabo Verde, que fica a 455 quilômetros da costa oeste da África, é um arquipélago no oceano atlântico composto por dez ilhas, divididas em dois grupos, ilhas de Barlavento e ilhas de Sotavento, de onde sopra o vento e por onde se escoia o vento, respectivamente. Assim, as ilhas de Barlavento são Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boa Vista; já as ilhas

de Sotavento são Maio, Fogo, Brava e Santiago, onde tem a capital Cidade da Praia.²

Segundo o governo de Cabo Verde, o arquipélago foi descoberto em 1460 por navegadores italianos e portugueses. O povoamento começa pela ilha de Santiago em 1462. Por ter uma posição estratégica, Cabo Verde fez parte das rotas que ligavam Brasil, África e Europa, servindo as ilhas como entreposto comercial e de aprovisionamento, principalmente no tráfico de escravos. Com o fim da escravidão, Cabo Verde entra em decadência e passa a viver sob a economia de subsistência. O povo caboverdiano surge a partir da mistura dos europeus presentes nas ilhas e escravos da costa africana, surgindo, assim, sua cultura e língua, o crioulo.³ O Português é a língua oficial de Cabo Verde, mas o crioulo, tendo como base a língua portuguesa com dois principais dialetos⁴, é a língua falada no dia a dia da população.

Segundo o Banco Mundial⁵, Cabo verde tem uma população de mais de 520.000 habitantes, com expectativa de vida de 76 anos, crescimento populacional de 0,5% anualmente e 14,6% da população na faixa de pobreza, onde a pessoa vivem com menos de USD 1,90 por dia. O principal centro urbano do país é a capital, Cidade da Praia, tendo uma população urbana de 68% da população total e 100% da população urbana tem acesso a água potável. As despesas com saúde representaram, em 2021, 6,9% do PIB e as despesas com educação representaram, em 2023, 4,3% do PIB⁶.

Segundo a Embaixada de Cabo Verde no Brasil, a liberdade religiosa é garantida pela Constituição do país e respeitada pelo governo, e destaca que o país goza de boas relações entre as variedades de religiões presentes no país. A embaixada apresenta que mais de 90% da população é nominalmente católica romana, mas apresenta que há outras igrejas representadas como a Igreja do Narazeno, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos

² Informações da geografia de Cabo Verde. Disponível em: <https://www.governo.cv/o-arquipelago/geografia/>. Acesso em: 25 junho 2025.

³ Informações da história de Cabo Verde. Disponível em: <https://www.governo.cv/o-arquipelago/historia/>. Acesso em 25 junho 2025.

⁴ Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/cabo-verde/>. Acesso em: 25 junho 2025.

⁵ Informações de Cabo Verde. Disponível em: <https://data.worldbank.org/country/cabo-verde>. Acesso em: 25 junho 2025.

⁶ Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/cabo-verde/>. Acesso em: 25 junho 2025.

dos Últimos Dias (Mórmons), a Assembleia de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus. De outras matrizes religiosas, a embaixada destaca a religião Islâmica e a Fé Bahá'í. Ela também destaca um grupo de difícil acesso, que são os rabelados, um pequeno grupo católico que se rebelou contra a Igreja Católica Romana e que vivem isolados, que a embaixada cita como um grupo católico tradicionalista específico de Cabo Verde⁷.

O *2022 Report on International Religious Freedom: Cabo Verde*⁸, do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, reafirma, assim como a Embaixada de Cabo Verde no Brasil, que a Constituição de Cabo Verde e outras leis protegem o direito dos indivíduos de escolher, praticar, professar e mudar de religião, prevendo, também, a liberdade religiosa e de culto e a igualdade de direitos. Nesse relatório é apresentada a composição religiosa de Cabo Verde, a partir do censo de 2021, onde 73% da população são católicos romanos, 2% adventistas do sétimo dia, 2% nazarenos, 2% cristãos racionalistas, 1% muçulmanos e 16% não se identificam com nenhuma religião. Grupos que juntos constituem menos de 5% da população incluem Testemunhas de Jeová, A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Nova Apostólica, Assembleias de Deus e outros grupos cristãos. Há pequenas comunidades bahá'ís e judaicas.

Essa aparente maioria cristã oculta desafios missiológicos importantes, como, por exemplo, a fé nominal e o sincretismo entre a prática católica e os ritos africanos. Outro fator que mostra a importância estratégica de Cabo Verde é na diáspora caboverdiana, pois há mais caboverdianos fora do país do que dentro, espalhados principalmente em Portugal e EUA, ou como os caboverdianos dizem, na América. Sendo assim, um esforço missionário bem contextualizado, pode repercutir não apenas dentro do país, mas fora também, refletindo nas comunidades caboverdianas em diáspora.

À luz desse cenário, este trabalho visa demonstrar como a antropologia pode auxiliar o desenvolvimento missionário transcultural em Cabo Verde, seguindo os tópicos propostos para a atividade 3 da matéria de Antropologia da Missão:

⁷ Disponível em: <https://www.embcv.org.br/portal/religiao/>. Acesso em: 25 junho 2025.

⁸ Disponível em: <https://www.state.gov/reports/2022-report-on-international-religious-freedom/cabo-verde/>. Acesso em: 25 junho 2025.

(i) descrição do campo missionário; (ii) preparação prática para idioma, choque cultural e levantamento de recursos; (iii) análise da cultura e da cosmovisão caboverdiana; (iv) estratégias de contextualização do evangelho; e, (v) lições aprendidas. Ao longo da exposição, haverá o diálogo entre autores de referência, como, Paul Hiebert, Justo González, David Bosch, Don Richardson, Myron Loss, Ronaldo Lidório, O'Donovan e as recentes obras de teologia africana de Emiliano João, visando construir um plano missionário relevante para o povo caboverdiano.

Preparação para o Campo Missionário

A língua portuguesa é considerada língua oficial de Cabo Verde, sendo útil para a esfera governamental e escolar; entretanto, no dia a dia do povo, a língua falada é o crioulo caboverdiano, dialeto que pode variar entre as ilhas de Sotavento e de Barlavento. Segundo HIEBERT (2005, p. 83), “aprender bem a língua e a cultura é fundamental para o nosso serviço missionário futuro”.

Hiebert também destaca que nos primeiros anos é muito importante aprender a língua corretamente, sendo necessário investir muito tempo no aprendizado dos sons de forma correta, pois depois que se aprende errado, fica muito difícil corrigir esses erros tornando-se erros habituais⁹. Para LOSS (2005, p. 65), “uma das primeiras lutas de um novo obreiro é na área do aprendizado da língua”. Para Muller (2013, p. 17),

“A primeira tarefa que o obreiro cristão encara é aprender o idioma. Isso não significa apenas aprender a bater um papo ou usar a linguagem local. Exige aprender a se expressar em termos que comuniquem verdades profundas. Isso não é uma tarefa simples. O aprendizado do idioma representa um grande esforço que exige horas de investimento e muita energia. Nenhum idioma pode ser bem aprendido em alguns meses, mesmo que a pessoa gaste todo seu tempo em estudo aprofundado”.

Seguindo o princípio “essencial versus negociável” (HIEBERT, 2005, p. 57), é possível definir que a fluência na língua local, o crioulo, como essencial, ou seja,

⁹ HIEBERT, Paul G. O evangelho e a diversidade das culturas: um guia de antropologia missionária. São Paulo: Vida Nova, 2005. p. 83.

sem o crioulo o missionário permanecerá sempre como um estrangeiro e será pouco eficaz na comunicação do evangelho.

Segundo o Decreto-Lei nº 8/2009, de Cabo Verde, através do Boletim Oficial, institui o Alfabeto Cabo-verdiano (ALUPEC)¹⁰. Sendo assim, é extremamente importante o aprendizado do crioulo caboverdiano através do ALUPEC – Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-verdiano. É muito importante que na preparação para ida de missionários para Cabo Verde se invista em um curso intensivo de fonologia através do sistema oficial de escrita – ALUPEC. De igual modo, o aprendizado e a prática na comunicação do crioulo é muito importante, pois não somente entender a estrutura e os sons faz sentido, mas conseguir manter um diálogo duradouro e profundo mostra que o missionário não é mais um estrangeiro, mas alguém que entendeu que a fluência é primordial na comunicação do evangelho. Segundo Muller (2013, p. 22), “tornar-se alguém de dentro inclui viver e agir como alguém de dentro” e isso passa pelo domínio do idioma falado no dia a dia. Entretanto, não somente o idioma é importante, mas entender a cultura e suas dinâmicas sociais, como, por exemplo, comportamentos aceitáveis, padrões de pensamento e como o outro entende o mundo e vive diariamente.

Para Loss (2005, p. 61), adaptar-se a uma nova cultura, entendendo o estilo de vida e os padrões de pensamentos e comportamentos, pode tornar uma experiência muito estressante. Loss apresenta alguns fatores de estresse na vida transcultural, como, mudança nos papéis sociais, mudança na língua, mudança na rotina, mudanças na formação do relacionamento interpessoal, sentimentos de culpa e desajuste emocional, gerando choque cultural com quatro reações possíveis, a primeira é a rejeição total da nova cultura, a segunda é a rejeição total da velha cultura, a terceira uma coexistência com má vontade, e a quarta é a integração saudável do novo com o velho¹¹.

“A vida transcultural impõe estresse intenso sobre o aspecto psicológico. O grau de estresse varia de acordo com o grande de diferença cultural entre o lar e as culturas anfitriãs. Por causa das

¹⁰ Disponível em: <https://boe.incv.cv/Bulletins/Download/194>. Acesso em: 25 junho 2025.

¹¹ LOSS, Myron. Choque cultural: lidando com o estresse em um ambiente transcultural. 2. ed. Trad. Márcio Cruz. Monte Verde, MG: Horizontes América Latina, 2005. p. 63-73.

realizações diminuídas significativamente, os obreiros tendem a se sentirem culpados por não viver segundo as expectativas”¹²

Para mitigar o impacto do choque cultural, é possível adotar algumas práticas como, por exemplo, a mentoria periódica com missionários mais experientes, aprender como adquirir um novo idioma, estabelecer uma rede de intercessores e, por fim, mas não se limitando às opções compartilhadas, um diário de estresse, onde o missionário poderá compartilhar os sinais biológicos, emocionais e espirituais.

Outro fator de estresse na vida missionária é o levantamento de recursos, não somente o financeiro. Em Cabo Verde, por exemplo, há limitações de alimentos, pois muitos deles são importados, inclusive legumes e frutas. No interior das ilhas, principalmente na ilha de Santiago há a produção de verduras e alguns tipos de legumes de forma artesanal ou não mecanizada. Outro fator complicador é a logística, pois somente é possível chegar no país via transporte aéreo ou marítimo. O arquipélago se torna muito caro para chegar no país e se locomover entre as ilhas. Há relatos de pessoas que usam o transporte marítimo para a locomoção entre as ilhas que muitas vezes ao chegar na outra ilha, devido a violência do mar, o navio é obrigado a retornar para a ilha de partida. Outro fator limitador é a restrição no atendimento médico, pois dependendo da especialidade não se tem acesso ou a viabilidade se torna muito caro, quase que impossibilitando o acesso. Da mesma forma, os remédios necessários para os tratamentos médicos, em sua grande maioria, é importado, tornando o valor de compra dos remédios muito altos, inviabilizando o acesso aos mais pobres.

Outro fator de estresse na vida missionária é o planejamento familiar, caso haja filhos na idade escolar. Em Cabo Verde, após a educação infantil e antes do nível superior, ou seja, no ensino fundamental e ensino médio é exclusivamente ofertado pelo governo de forma pública, mas isso não quer dizer que não haverá uma cobrança, pois no país é adotado a “propina”, uma mensalidade para que as crianças possam estudar e que será calculada a partir das condições financeiras da família em questão.

¹² LOSS, Myron. Choque cultural: lidando com o estresse em um ambiente transcultural. 2. ed. Trad. Márcio Cruz. Monte Verde, MG: Horizontes América Latina, 2005. p. 73.

Dessa forma, é muito importante que os missionários que desejam servir em Cabo Verde tenham parceiros que entendam claramente essa realidade para que o sustento não venha a se perder com o tempo, tornando o retorno prematuro algo a se considerar.

Cultura & Cosmovisão

Para Muller (2013, p. 137), “uma cosmovisão é simplesmente um modelo de como um grupo de pessoas vive, pensa e se relaciona”. Como já apresentado anteriormente, o *krioulu kaubuverdianu*, assim como é escrito pela ALUPEC, é a língua do coração do povo de Cabo Verde, sendo primordial que se aprenda para a interação no dia a dia.

O principal prato típico em Cabo Verde é a *katxupa*, ou cachupa, em português, sendo um prato a base de milho e feijão, principalmente o feijão verde e o feijão pedra. Além dos componentes duros, como os caboverdianos chamam, são inseridos os legumes, como, por exemplo, abóbora, mandioca, cenoura, alho, cebola, tomate, temperos diversos e as carnes, podendo misturá-las, ou seja, coloca-se peixe, frango, carne bovina e carne de porco. Mas como as carnes são muito caras, há o que a população chama de cachupa rica e a cachupa pobre, sendo a cachupa pobre carnes mais baratas como salsicha, miúdos de frango e de porco. A alimentação caboverdiana se baseia no milho, algo que é cultivado por muitas pessoas nos terrenos de suas casas, e na carne de porco, que são criados nas lajes das casas, visto que a grande maioria das casas não tem telhados, e que dificilmente chove no país e o custo para se colocar o telhado é muito alto. Outro fator para criar os porcos na laje da casa é para que ninguém roube sua criação¹³.

As refeições em Cabo Verde são longas e coletivas, algo típico no continente africano, tendo na expressão *morabeza* o conceito de hospitalidade caboverdiana. Para alguns a *morabeza* não se limita somente a hospitalidade do povo, mas vai além, incluindo a música, a dança, o estilo de vida, a diversidade

¹³ Disponível em: <https://muconsancplp.unilab.edu.br/receita/katxupa-cachupa-tradicional-de-cabo-verde>. Acesso em: 25 junho 2025.

cultural, a beleza, ou seja, *morabeza* é a essência de ser do verdadeiro caboverdiano¹⁴.

A música para o povo caboverdiano está incluso na essência de ser. Há vasta diversidade de expressões musicais no país, como, funaná, morna, coladeira, *batuko*, *mazurca*, *talaia baxu*, valsa e samba. A principal intérprete da música caboverdiana para o povo e que ganhou mais expressão fora de Cabo Verde foi Cesária Évora, uma emigrante que viveu por muitos anos e até sua morte em Portugal¹⁵.

O *Batuko*, por exemplo, é um estilo musical que representa a resistência histórica das mulheres escravas e a celebração da vida em comunidade. Outra questão importante para o povo são as festas, que são baseadas nos santos e padroeiros da igreja católica romana, gerando um sincretismo entre tradições religiosas africanas e a religião do colonizador, Portugal.

A partir disso, O'Donovan reflete e discute se existe uma cosmovisão africana tradicional. O autor apresenta que há muitas semelhanças entre muitos grupos africanos tradicionais, o que não é diferente em Cabo Verde. Muitos povos africanos tem um senso mais forte de serem africanos do que pertencerem a um país, apresentando alguns elementos em comum, como, por exemplo, é a ênfase na vida em comunidade com outras pessoas do mesmo clã, a relação entre os vivos e os mortos, a perspectiva que se tem do mundo dos espíritos e a relação com o mundo físico, as prioridades na vida, a história da colonização e sua independência, a visão integral da vida, e, por fim, mas não se limitando a esses, a ênfase nos eventos da vida mais do que em programas e tempo¹⁶.

Essa cosmovisão africana tradicional reflete fortemente no paradigma da cultura apresentado por Muller como os resultados do pecado, a saber: culpa, vergonha e medo, o que Muller chamou de Efeito Éden¹⁷.

¹⁴ Disponível em: <https://www.salcabo Verde.com/morabeza-the-beauty-and-power-of-cabo-verdean-culture/>. Acesso em: 25 junho 2025.

¹⁵ Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/musica-cabo-verdiana-e-composta-de-oito-generos-musicais/>. Acesso em: 25 junho 2025.

¹⁶ O'DONOVAN Jr., Wilbur. O cristianismo bíblico da perspectiva africana. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 14.

¹⁷ MULLER, Roland. O mensageiro, a mensagem, a comunidade. Atibaia, SP: Pregue a Palavra, 2013. p. 149-154.

“Quando o homem pecou, três grandes condições vieram sobre a humanidade. Ao pecar, o homem transgrediu a lei de Deus e consequentemente se colocou em uma posição de culpa. Ao pecar, o homem também quebrou o relacionamento com Deus e consequentemente colocou-se em posição de vergonha. Finalmente, quando o homem pecou, ele traiu a confiança de Deus e a partir desse momento, colocou-se em posição de medo.”¹⁸

À luz da tipologia de Muller (2013, p. 149-154), Cabo Verde demonstra como um paradigma cultural predominante o eixo Honra x Vergonha como matriz principal, o que é muito presente nas culturas africanas. Mas, também, não se pode esquecer, fruto do animismo africano, o paradigma do Medo x Poder. Em Cabo Verde esse último paradigma cultural não é tão perceptível, somente nas esferas mais profundas da cultura que é possível identificá-la. Também influenciado pelo catolicismo, a cultura caboverdiana apresenta elementos do paradigma cultural da Culpa x Inocência.

O desafio missiológico é proclamar Cristo como aquele que restaura a honra perdida com o pecado e oferece nova identidade na família de Deus, enquanto confronta medos espirituais e o sentimento de culpa.

Reconhecer esses elementos, principalmente o paradigma da Vergonha x Honra, permitirá que o missionário fale ao coração do povo caboverdiano, ganhando o direito de ser ouvido. Muller (2013, p. 23) afirma ser necessário que o missionário se esforce para que ele seja aceito como quem tem algo digno de ser compartilhado.

Contextualização do Evangelho

É na contextualização do Evangelho que é possível encontrar os maiores desafios e oportunidades para transmitir o evangelho em Cabo Verde encontrando os meios para enfrentar o animismo e o sincretismo locais.

Um dos principais desafios é a fé nominal e o sincretismo católico popular, onde se mistura a procissão do padroeiro católico, com as músicas típicas e o consumo de grogue, bebida destilada feita de forma artesanal pelo povo.

¹⁸ MULLER, Roland. O mensageiro, a mensagem, a comunidade. Atibaia, SP: Pregue a Palavra, 2013. p. 159.

Bosch (2009, p. 279-280), afirma que embora os projetos das cruzadas tivessem fracassados, sua mentalidade persistiu, sendo as raízes dos colonizadores e de todo o fenômeno da colonização europeia do resto do mundo, ocasionando consequências terríveis como, por exemplo, a escravidão de povos não-ocidental, o que o fato desses outros povos serem diferentes possibilitou que os ocidentais vencedores os considerassem inferiores.

“A decisão mediante a qual os reis da Espanha e de Portugal se tornaram ‘patronos’ da expansão missionária em suas colônias não se mostrou isenta de problemas. A propagação da fé e as políticas coloniais passaram a entrelaçar-se de tal maneira, que, muitas vezes, era difícil distinguir uma das outras. As dioceses fundadas nas colônias recebiam bispos aprovados pela autoridade civil. Esses bispos não tinham permissão de comunicar diretamente com o papa; além disso, os decretos papais precisavam ser endossados pelo rei antes que fossem publicados e entrassem em vigência nas colônias. Os governantes da Espanha e de Portugal em breve se consideraram não apenas representantes do papa, mas deputados imediatos de Deus”¹⁹

O'Donovan destaca que “pessoas que vêm de um contexto não cristão muitas vezes se vêem tentadas a simplesmente acrescentar o cristianismo ao sistema religioso de onde vieram. O resultado é uma mistura das duas religiões. A isso se dá o nome de sincretismo.”²⁰.

Outro desafio é o animismo e o paradigma cultural do Medo x Poder. A presença de rituais de proteção, o uso de amuletos e a crença de que um feiticeiro mais poderoso pode inviabilizar algo em suas vidas.

Diante desse cenário com presença do animismo e sincretismo, é extremamente importante buscar estratégias de contextualização. Bosch (2009), em sua obra, apresenta o modelo encarnacional transformador, onde é possível celebrar festas comunitárias centradas em Cristo substituindo as festas com oferendas sincréticas.

¹⁹ BOSCH, David J. Missão transformadora: mudanças de paradigma na Teologia da Missão. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2009. p. 281.

²⁰ O'DONOVAN Jr., Wilbur. O cristianismo bíblico da perspectiva africana. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1999. p. 272.

Já Richardson (1998), em sua obra, desenvolve os pontos redentivos, principalmente na parte 2 da obra, onde o autor desenvolve que o Evangelho está preparado para o mundo. Por exemplo, a *morabeza* caboverdiana é um ótimo ponto redentivo onde é possível conectar ao texto bíblico de Apocalipse capítulo 19, versículo 9, onde Deus nos recebe à Sua mesa. Da mesma forma, assim como o mar e a pesca são importantes para o povo caboverdiano, é possível conectar com as narrativas de Jesus com os pescadores. De igual modo, é possível conectar que a honra será restaurada ao apresentar Cristo como quem cobre a vergonha e confere status de família real.

Contextualizar o evangelho em Cabo Verde exige importar formas estrangeiras, mas encarnar a mensagem nos códigos do *kriolu*, na *morabeza*, e na musicalidade das ilhas, enquanto confronta medos espirituais e restaura a honra perdida.

Ao filtrar cada prática pelo critério essencial e negociável (HIEBERT, 2005, p. 57), o missionário serve como ponte entre Escrituras Sagradas e cultura, permitindo que as Boas Novas do Evangelho floresça e cresça nos corações do povo caboverdiano, livrando-se do sincretismo e do animismo.

Considerações Finais

Missões começa com escuta. Lidório e Hiebert destacaram que o missionário precisa observar, descrever e interpretar a realidade local, caso queira compartilhar o evangelho de forma contextualizada.

Mapear a matriz cultural dominante é extremamente relevante para entender qual abordagem de contextualização será seguida. Para Cabo Verde, a perspectiva da Vergonha x Honra mostrou que a restauração de status comunitário fala mais alto que argumentos de culpa ou manifestações de poder. Com isso, proclamar Jesus Cristo como aquele que cobre a vergonha e acolhe na família de Deus, torna-se caminho de maior relevância no contexto caboverdiano.

A contextualização é filtro, não concessão. O critério essencial x negociável mostrou-se indispensável para discernir o que pode ser resgatado, como, por

exemplo, ritmos e hospitalidade, e o que precisa de ruptura, como amuletos protetores de forças ocultas.

Quanto melhor se compreender a cultura, mais fiel e poderosa se torna a mensagem. Este artigo mostrou que esse aprendizado, ao traduzir a teoria em passos práticos para Cabo Verde, é um teste real de que o evangelho pode sim falar *krioulu*, dançar batuque e ainda assim transformar os corações caboverdianos para a glória de Deus Pai.

REFERÊNCIAS

BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na Teologia da Missão. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2009. 690 p.

CABO VERDE. **Decreto-Lei nº 8/2009, de 16 mar. 2009**. Institui o Alfabeto Cabo-verdiano (ALUPEC), aprovado em regime experimental pelo Decreto-Lei nº 67/98, de 31 dez. 1998, como Alfabeto Cabo-verdiano. Boletim Oficial da República de Cabo Verde, I Série, nº 11, p. 74-76, 16 mar. 2009.

GONZÁLEZ, Justo L. **Cultura e evangelho**: o lugar da cultura no plano de Deus. São Paulo: Hagnos, 2011. 151 p.

HIEBERT, Paul G. **O evangelho e a diversidade das culturas**: um guia de antropologia missionária. São Paulo: Vida Nova, 1999. 307 p.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Introdução à antropologia missionária**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2011. 208 p.

LOSS, Myron. **Choque cultural**: lidando com o estresse em um ambiente transcultural. 2. ed. Trad. Márcio Cruz. Monte Verde, MG: Horizontes América Latina, 2005. 192 p.

MULLER, Roland. **O mensageiro, a mensagem, a comunidade**. Atibaia, SP: Pregue a Palavra, 2013. 397 p.

O'DONOVAN Jr., Wilbur. **O cristianismo bíblico da perspectiva africana**. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 1999. 376 p.

RICHARDSON, Don. **O fator Melquisedeque**: o testemunho de Deus nas culturas através do mundo. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1998. 181 p.

SER DE RELAÇÃO E HISTÓRIA ÚNICA: COMO PROCESSOS DE COLONIZAÇÃO FEREM A IDENTIDADE HUMANA

Igor Matheus Alves da Silva Bicalho¹

Resumo

Este artigo propõe uma análise antropológica e teológica sobre como processos colonizadores e a imposição de Histórias Únicas fragmentam a identidade humana vista a partir de uma perspectiva relacional. Inicialmente, o conceito do homem como *Ser de Relação* é articulado a partir de um diálogo entre Agostinho de Hipona, com suas contribuições sobre o coração humano, Ênio Mueller e o filósofo judeu Martin Buber, que compreendem o ser humano como constituído em relações — com Deus, consigo mesmo, com o próximo e com a criação. A partir dessa base antropológica, o artigo examina os processos de formação de culturas e a forma como elas fazem parte da construção de quem o homem é, ao passo que analisa como a colonização que, ao intentar controlar povos, não só atinge a esfera política e econômica, mas fere a *Imago Dei* promovendo apagamentos culturais que resultam em fragmentações identitárias. Por fim, o artigo defende novos caminhos de diálogos para as missões cristãs fundamentados nas relações baseadas em respeito cultural. A restauração e redenção da humanidade traz consigo uma pluralidade de narrativas, em consonância com a visão escatológica do Reino de Deus que será para todos os povos, tribos, línguas e nações.

Palavras-chave: Antropologia Relacional, Identidade Humana, Ser de Relação, Culturas, Colonização, História Única

Abstract

This article offers an anthropological and theological analysis of how colonial processes and the imposition of “Single Stories” fragment human identity when understood from a relational perspective. It begins by articulating an

¹ Graduado em Engenharia Civil pela UFS-SE, aluno do Master in Divinity do Seminário Teológico Servo de Cristo, São Paulo - SP, Brasil, ORCID: 0009-0009-5169-814X

understanding of the human person as a Relational Being, developed through a dialogue between Augustine of Hippo's reflections on the human heart, the theological anthropology of Ênio Mueller, and the relational philosophy of Martin Buber. Together, these thinkers present human identity as constituted through relationships with God, with oneself, with others, and with creation. Building on this anthropological framework, the article examines processes of cultural formation and the role of culture in shaping human identity. It then analyzes how colonization, in its attempt to control peoples and narratives, extends beyond political and economic domination to wound the Imago Dei through cultural erasure, producing fragmented identities. Finally, the article proposes new paths for Christian mission grounded in relationality and cultural respect. Human restoration and redemption are understood as necessarily embracing a plurality of narratives, consonant with the eschatological vision of the Kingdom of God as inclusive of all peoples, tribes, languages, and nations.

Key-Words: Relational Anthropology, Human Identity, Being-in-Relation, Cultures, Colonization, Single Story

INTRODUÇÃO

No mundo pós-moderno de hoje ainda enfrentamos os efeitos dos movimentos de conquista dos colonizadores dos séculos passados. As grandes potências mundiais ainda detêm o poder de criar narrativas e sustentá-las, roubando a dignidade de outros povos e empobrecendo a visão da diversidade mundial.

No presente artigo demonstrarei como ações colonizadoras e Histórias Únicas são destrutivas ao ser humano visto por uma perspectiva relacional. Construirei uma antropologia mostrando como a identidade de uma pessoa é construída a partir das suas relações e pela forma como elas são processadas em seu coração, através de um diálogo entre Agostinho de Hipona, Martin Buber, um filósofo judeu, e Enio Mueller, um teólogo brasileiro. Logo após, falaremos sobre como as culturas são formadas e transformadas constantemente correlacionando com a definição de ser humano apresentada.

CORAÇÃO E SER DE RELAÇÃO

Inicialmente irei abordar a definição agostiniana de coração e a relação dela com o “ser de relação” descrito por Enio Mueller². Esse não é um conceito próprio dele vindo já de muitos outros antes, mas o utilizaremos como referencial teórico. Tenha em mente a imagem de um varal de lâmpadas. Ela será útil para entender esse diálogo.

Coração

O coração nas Escrituras é o centro íntimo do ser humano, de sua personalidade e identidade e o lugar onde as potências e capacidades humanas estão concentradas.³ Ele compreende a razão, os desejos, os sentimentos e os compromissos de fé mais fundamentais do ser humano, sendo a raiz religiosa da existência humana. Para onde ele apontar, o homem seguirá. Essa é uma concepção comum na Antiguidade e foi com ela em vista que Agostinho escreveu suas obras. É lá onde Deus se revelava e era experimentado pelo

² MUELLER, Enio R., *Caminhos de Reconciliação*, 2010, p. 179-181

³ DUPONT, Anthony e LIN, Davi C. R., *Unidade cordial da pessoa humana e da comunidade: o símbolo do coração nos escritos e na recepção artística de Agostinho de Hipona*. 2021, p. 5-6

homem. É também lá que o homem descobre que é imagem de Deus. Assim, é no coração que encontramos quem o homem é de verdade.⁴

Além disso, a definição de Experiência Elementar de Giussani, descrito em seu livro *Senso Religioso* (Giussani, 2009, apud. Lin, 2022), expande essa visão. Ela é o “ímpeto original com o qual o ser humano se lança na realidade procurando identificar-se com ela por meio da realização de um projeto que imprima à própria realidade a imagem ideal que o estimula interiormente.”⁵ Há uma fome infinita no coração que o coloca em movimento, em busca de algo transcendente que o sacie. Essa definição reconhece o dinamismo do *cor*, apontando-o não para dentro de si próprio, mas para uma alteridade, Deus, a Criação (o que envolve as culturas) e o seu próximo.

Ser de relação

O teólogo brasileiro luterano Ênio Mueller no capítulo final do seu livro *Caminhos de Reconciliação*⁶ propõe uma Antropologia Bíblica que percebe o ser humano como um ser em relação. Isso significa que o ser humano é definido por sua situação relacional, apontado por quatro eixos: a relação com Deus, com a criação não humana, com a humanidade e consigo próprio. Assim, não podemos definir o homem olhando apenas para dentro dele mesmo, mas sabendo que em seu coração há um ímpeto que o aponta para fora. Logo, para sabermos quem ele é precisamos olhar para as relações que o envolvem.

Essas ideias têm consonância com as ideias do escritor judeu Martin Buber, principalmente em sua obra *Eu e Tu*⁷. Tal obra foi importante para definir uma ontologia da relação, que, segundo o autor, “é o evento que acontece entre o homem e o ente que se lhe defronta”.⁸ Buber não vê o homem enquanto indivíduo, mas como a relação entre o Eu e o Tu que se divide em três categorias: a primeira é a vida e a natureza; a segunda os outros homens; e a terceira, os seres espirituais.⁹

⁴ Ibidem, p. 7

⁵ LIN, Davi C. R., *Agostinho de Hipona e a redescoberta do potencial terapêutico da teologia narrativa para a saúde mental*, 2022, p. 10

⁶ MUELLER, Enio R., *Caminhos de Reconciliação*, 2010, p. 179-181

⁷ BUBER, Martin. *Eu e Tu*. 2009, 1-137

⁸ Ibidem, p. 26

⁹ Ibidem, p. 45

Tais relacionamentos são unidos por um vínculo invisível que é o amor. Ele torna tudo um todo, íntegro, integral. Ele é o que mantém a Trindade unida presidindo as relações no próprio Deus. O amor junta duas coisas a ponto de virarem uma só, mas isso não rouba as identidades próprias dos envolvidos, como se acontecesse uma fusão. Pelo contrário, as realça, fazendo os amantes serem sua mais profunda identidade. O pecado é o exato oposto. Ele é a força que quebra essas relações e, por conseguinte, destrói parte da identidade do homem.¹⁰

A nossa relação com Deus é a principal de todas. Ele é nossa fonte de vida (Sl 36:9) e é dela que todas as demais fluem. Em Gênesis 3, ao cometer a mais alta traição, o ser humano foi separado da sua fonte de vida, o que afetou todos os seus relacionamentos. A partir dessa quebra, o homem rompeu com sua origem, entendendo ser ele mesmo o seu ponto de partida, o criador e juiz do bem e do mal.¹¹

Para Agostinho, o autoconhecimento e o conhecimento de Deus caminham lado a lado, sendo duas faces da mesma moeda. Descobrimos Deus no nosso núcleo mais profundo e íntimo. Quem não se encontrar, não encontrará Deus.¹² Ao nos reconectarmos ao Criador, somos levados a um movimento de dupla conversão: uma em direção a Deus e, logo após, somos devolvidos ao nosso próximo. Dessa forma, podemos ver em nosso interior um anseio profundo por conexões e laços que são vividos com o Transcendente e com o seu entorno (os outros seres humanos).

Assim, a relação com o próximo não é apenas algo externo ao ser humano, mas o próprio ambiente ontológico no qual a identidade do ser humano é construída. É nessa dinâmica dialógica, marcada pela abertura, vulnerabilidade e reciprocidade, que o Eu deixa de ser uma consciência isolada para se tornar um ser de relação. Quem somos e o que fazemos é sempre em relação ao outro. Ao pensarmos em nossas habilidades, elas nos foram dadas para o próximo (Ef 4:12). Ninguém é autossuficiente, todos dependemos mutuamente uns dos outros. Nessa relação Deus revela muito de quem somos e nos molda a partir

¹⁰ MUELLER, Enio R., *Caminhos de Reconciliação*, 2010, p. 164

¹¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Ética*. 2020, p. 19-21

¹² DUPONT, Anthony e LIN, Davi C. R., *Unidade cordial da pessoa humana e da comunidade: o símbolo do coração nos escritos e na recepção artística de Agostinho de Hipona*, 2021, p. 7

dela. Não podemos excluir o próximo da nossa identidade. Reduzir o outro a um Isso — um instrumento, um meio, um obstáculo — é desfigurar não só a relação, mas também nossa própria humanidade. No encontro Eu–Tu, ao contrário, recuperamos a existência humana sonhada por Deus: não fechados em autonomia solitária, mas sustentados pela troca, presença e possibilidade de revelação mútua.

Isso faz que haja harmonia entre os membros, de modo que todos cuidem uns dos outros. Se uma parte sofre, todas as outras sofrem com ela, e se uma parte é honrada, todas as outras com ela se alegram. Juntos, todos vocês são o corpo de Cristo, e cada um é uma parte dele. (1 Coríntios 12:25-27)

Toda a criação carrega marcas do seu Criador e aponta para algo além dela. Deus a criou com texturas, cores, cheiros e temperatura e nos deu sentidos para percebê-la. A grandeza, ordem e beleza da Criação – evocadas frequentemente pela vastidão e profundidade do céu e do mar – transmitem a infinitude do Criador. Desprezar a matéria não faz parte da visão de mundo cristã, mas do platonismo. O pecado nos rouba da capacidade de perceber e habitar a realidade da forma correta, da forma como Deus planejou que fosse. Ela não é apenas um mero pano de fundo da existência humana, mas parte também fundamental da sua identidade, com toda sua ordem, materialidade e sentido. Assim, a alienação da criação não é um problema apenas ético ou ambiental, mas uma ferida relacional que atinge o próprio coração humano e fragmenta ainda quem ele é.

O Coração nas Relações

Assim, com essa compreensão sobre quem é o homem, podemos voltar à analogia do varal de luz. Nossa relação com Deus é como se fosse o plugue se conectando a uma tomada. Sem essa conexão não há energia para que as lâmpadas acendam. E essa energia é justamente o amor, como definido anteriormente. Ele vem de Deus e flui através de nós em todos esses relacionamentos. Mas e o que seria então o coração? Ele é justamente o fio condutor, que não é fechado em si mesmo, mas que encontra seu propósito primeiro se conectando a Deus, mas transmitindo esse amor recebido a todas

as demais relações que ele está envolvido. Não faria sentido ligar um fio na tomada sem que haja um propósito, algo que ele vai conectar. Ele não é o fim em si mesmo. Da mesma forma nosso coração. Ele não foi feito para estar fechado em si mesmo, mas para amar e se relacionar com uma alteridade.

Essa visão relacional do ser humano tem aspectos muito ricos, mas também nos deixa vulneráveis. Quando uma das lâmpadas do varal tem um curto-circuito, ela pode danificar o fio prejudicando a passagem da energia para as demais. Da mesma forma, os relacionamentos podem nos ferir, causar rupturas e feridas que cria abismos doentios e mortais para o ser humano. A principal relação quebrada e a maior ferida do ser humano foi justamente quando fomos desconectados da nossa fonte de vida, o que afetou já a primeira lâmpada após a tomada, o nosso relacionamento consigo mesmo, surgindo um amor-próprio defeituoso, autocentrado e que nos leva para longe da nossa própria identidade.

CULTURA, COSMOVISÃO E NARRATIVAS

Dentro das relações destacadas anteriormente surge então algo muito visceralmente conectado à identidade humana que é a *Cultura*. A fome pelo infinito que há no coração humano o coloca em movimento em direção a construir algo maior do que ele próprio. De acordo com o Relatório de Willowbank¹³, cultura então é um sistema integrado de crenças, valores, padrões e instituições compartilhado por um grupo social. Isso aponta para as formas como determinada comunidade se relaciona com as diferentes esferas da realidade e da vida. A variar do seu tamanho e complexidade, esse grupo pode apresentar ainda diversas subculturas.

Identidade não é construída a partir de proposições, mas de narrativas. Se eu desejo falar sobre mim, eu posso dar algumas informações pessoais como meu nome, altura, gostos pessoais, etc. Mas isso é uma parcela ínfima da resposta. Eu precisaria contar uma história, a minha história pessoal. Da mesma

¹³ LAUSANNE COMMITTEE FOR WORLD EVANGELIZATION. The Willowbank Report: Consultation on Gospel and Culture. 1978. Disponível em: <https://lausanne.org/occasional-paper/lop-2> Acesso em: 05/12/2025

forma, a cultura não é transmitida propositivamente, como se fosse uma coletânea de informações reunidas transmitidas para alguém. A categoria epistemológica onde a cultura se encaixaria está mais para metanarrativas, mitos fundantes. Os diferentes pressupostos que cada povo carrega os leva a diferentes padrões e respostas sobre o que se crer, o que é bom, belo e justo, qual a realidade última da vida, entre muitas outras coisas. As metanarrativas carregam esses pressupostos – os marcos históricos, as respostas para as grandes questões da vida – para construir uma visão de mundo comum e compartilhada, promovendo um senso de pertencimento aos indivíduos, os conferindo identidade, dignidade e segurança. “Cada comunidade cultural tem em comum uma narrativa que molda e organiza sua vida coletiva”.¹⁴

Assim, os novos membros precisam passar por um processo de formação social constituído pelas relações construídas com o povo, o território e a sua história, a partir dos padrões estabelecidos pelas memórias do passado que chegaram à atualidade. Contudo, eles não são apenas sujeitos passivos que são formados pelo entorno, mas eles fazem parte ativamente da estruturação de novas dinâmicas, fazendo com que a cultura esteja sempre em transformação. É até de certa forma complexo falar de outra cultura sem vivenciá-la, sem estar dentro dos seus limites étnicos, territoriais e históricos. Corremos o risco de fazer afirmações que não correspondem e que podem soar até ofensivas aos que estão dentro.

Essa vida cultural e comunitária faz parte do sentido e propósito para o qual a humanidade foi criada. Em Gênesis 1.26-30, nos apresenta ordens e comissões dadas por Deus para o homem e a mulher recém gerados que os apontam para os eixos de relação que descrevemos anteriormente, também conhecidos como mandatos criacionais: o mandato espiritual refere-se à relação com Deus, o Tu absoluto, a fonte de vida; o mandato social refere-se representativamente à relação com o próximo; e o mandato cultural, bastante amplo e que envolve toda a relação com a criação não-humana. Por isso não é nada simples separar quem somos do que fazemos, sendo duas coisas profundamente conectadas no coração do ser humano.

¹⁴ GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G., *Introdução à Cosmovisão Cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea*, 2019, p. 30

Entretanto, com a Queda de Gênesis 3 (ou a *Ruptura* como prefiro chamar, seguindo o Enio Mueller mais uma vez¹⁵), houve um rompimento cósmico com implicações profundamente enraizadas em toda a realidade, de forma que hoje “nenhuma dessas narrativas [culturas] é neutra, quer em termos filosóficos, quer em termos religiosos”¹⁶. Toda a construção cultural posterior contém marcas desse mandato inicial de Deus, mas também da ruptura provocada por Adão e Eva, com consequências bastante negativas e destrutivas. A nossa esperança está no Reino de Deus escatológico, que já se manifestou e foi inaugurado por Jesus em sua Vida, Morte e Ressurreição, mas que será plenamente estabelecido em sua *Parousia*, purificando e redimindo toda cultura, tribo e nação.

Enquanto esse grande dia não chega, as pessoas continuam a viver e produzir cultura. Cada povo, cada grupo social, cada etnia, cada pessoa em cada lugar desse mundo possui características próprias que as conferem um lugar no grande mosaico da diversidade sonhada por Deus. Elas possuem expressões e desenvolvimentos das potencialidades da Criação colocadas pelo próprio Deus em seu ato criativo e trazem glória ao Senhor. Podemos não saber exatamente como será a existência cultural na Nova Criação, mas sabemos que elas “não serão suspensas na vida futura, antes, receberão seu ímpeto total.”¹⁷ Como afirma o N. T. Wright:

A ideia da ressurreição... é que a presente vida corpórea não é inútil só porque ela morrerá... O que você faz com seu corpo no presente importa porque Deus tem um grande futuro reservado para ele... O que você faz no presente – pintando, pregando, cantando, costurando, orando, ensinando, construindo hospitais, cavando poços, lutando pela justiça, escrevendo poemas, cuidando dos necessitados, amando o próximo como a si mesmo – permanecerá no futuro de Deus. Essas atividades não são simplesmente formas de tornar a vida presente um pouco menos bestial, um pouco mais aceitável, até

¹⁵ MUELLER, Enio R., *Caminhos de Reconciliação*, 2010, p. 30-38

¹⁶ GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G., *Introdução à Cosmovisão Cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea*, 2019, p. 30

¹⁷ EDGAR, William. *Criados para Criar: uma teologia bíblica da cultura*, 2022, p. 273

o dia em que deixaremos tudo para trás (como um hino erroneamente ensina...). Elas são parte do que podemos chamar de edificação para o reino de Deus.¹⁸

Assim, todas as expressões culturais carregam coisas boas e más e cabe a nós como cristãos ressaltarmos o que há de bom, belo, verdadeiro e justo, ao mesmo tempo que rejeitamos o que é mal, feio, falso e injusto. O próprio Cristo encarnou em uma cultura e se revelou a partir desse contexto cultural. Ele soube se utilizar do imaginário local e manifestar as verdades do Reino a partir dele. Ele vestiu as roupas deles, falou o idioma deles, comeu e bebeu o que eles comiam. Ele não veio com uma nova cultura do céu, perfeita e santa, superior a todas as demais, nem consagrou nenhuma cultura de nenhuma etnia como a superior. Colocar alguma acima das demais é trabalhar contra a diversidade sonhada por Ele e desonrar seu Nome. Toda verdade é a verdade de Deus, onde quer que ela se manifestar, em qualquer cultura. Toda dádiva, todo dom perfeito, toda expressão positiva vêm de Deus e glorifica a Deus. Assim, agregar as culturas dos povos à Igreja como o Corpo de Cristo é enriquecê-la com toda essa diversidade.

SER DE RELAÇÃO, COLONIZAÇÃO E HISTÓRIA ÚNICA

A identidade de uma pessoa é uma construção das suas relações e a forma como elas são processadas em seu coração. Cada um carrega consigo elementos dos seus antepassados e do ambiente onde vive. Não podemos apagar os outros de quem somos. Essas relações nos tornam parte de um grupo maior, mas, ao mesmo tempo, essa construção relacional nos confere uma especificidade identitária. O amor, como definido antes, une partes a um nível que não é possível enxergar onde foi unido sem que isso roube a identidade individual de cada ente.

Assim, *colonização* ocorre quando um povo, cultura ou etnia se posiciona acima de outras e usa de poder para dominação. Ela fere a *Imago Dei* e rejeita o espaço, autonomia e liberdade do outro. Dessa forma, os

¹⁸ WRIGHT, N. T., *Surprised by Hope: Rethinking Heaven, the Resurrection, and the Mission of the Church*, 2008, p. 193 apud. EDGAR, William. *Criados para Criar: uma teologia bíblica da cultura*, 2022, p. 273

pensamentos e ações colonizadoras, como forma de manter o controle e a subordinação, promovem apagamentos culturais, o que resulta também em um apagamento identitário, ferindo a diversidade humana. Eles roubam a conexão que as pessoas têm com seu povo, sua terra e a sua história, tornando-a um ser estranho, incompleto, fragmentado. Além disso, a colonização ainda exclui alguém da sua conexão com a sua história ao forçar a adoção da cultura estrangeira como forma de castração e controle. Quão mais vulnerável o colonizado, mais fácil será manter a dominação.

Como falado antes, é extremamente complexo falar de uma outra cultura sem vivenciá-la. Entretanto, povos e nações colonizadoras tentam controlar inclusive o que se fala a respeito daquelas outras culturas, limitando cada indivíduo desses lugares àquela História Única contada por quem detém o poder. Como são contadas, quem as conta, quando conta, tudo depende do poder. Mesmo que não haja colônias como antigamente, esse tipo de pensamento ainda permanece e fere a dignidade dos outros povos. E isso acontece mesmo dentro do próprio país entre os seus próprios cidadãos. Como um nordestino, é comum ouvir diversos preconceitos e generalizações estereotipadas de sudestinos e sulistas, como se tudo o que há de melhor no Brasil só pudesse vir do Sul-Sudeste. Mas, isso ocorre mesmo entre nordestinos. Quando pensamos em lugares como o sertão, é comum aquele pensamento “sairá alguma coisa boa do sertão?” Pensar assim é diminuir a dignidade e subestimar as qualidades e potencialidades de cada cultura e etnia, tornando-os menos do que o Senhor intentou que eles fossem.

Chimamanda Adichie afirma que quando contamos a história de um povo como somente uma coisa, repetidamente, é aquilo que eles serão no imaginário.¹⁹ A História Única contada sobre a África era sempre uma história de catástrofe. Parecia que lá era só um lugar de bonitas paisagens e pessoas sem sentido, lutando guerras, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falarem por eles mesmos, esperando sempre por um estrangeiro branco e gentil vir salvá-los. O único sentimento de reação possível seria pena e piedade. Não se espera algo criativo, genial, intelectual deles. Apenas tragédia, dor e sofrimento.

¹⁹ ADICHIE, Chimamanda N. O danger of a single story. YouTube, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>. Acesso em: 05/12/2025.

Essa arrogância bem-intencionada despersonaliza e desumaniza, roubando a dignidade e dificultando o reconhecimento do outro como humano. Existir somente nas histórias negativas é superficializar a experiência pessoal de um povo e negligenciar as muitas outras histórias que os formaram. Há sempre boas histórias e é importante também falar sobre elas.

Histórias importam. A História Única cria estereótipos e o problema não é que sejam mentiras, mas incompletos. O ser humano dentro da complexidade das suas relações não pode ser definido pela história contada por quem detém o poder. A História Única quer nos excluir da formação de quem somos dentro do nosso povo, nos tornando apenas aquele padrão contado nos estereótipos. As narrativas podem destruir a humanidade de um povo, mas pode também restaurar. Histórias individuais não são exatamente a história do próprio povo e são ao mesmo tempo. Somos formados pela nossa cultura e, ao mesmo tempo, a formamos e toda essa complexidade faz parte da identidade de uma etnia.

Dessa forma, quando pensamos na Grande Comissão e no chamado aos discípulos para irem e fazerem discípulos de todas as nações, isso não pode se traduzir em conversão de cultura. O objetivo é formar pessoas à semelhança de Jesus Cristo, não à semelhança da cultura do missionário. Por isso é importante a vivência, o relacionamento e a imersão dentro dos povos que queremos evangelizar, não apenas para se fazer entendido, mas para honrar suas potencialidades e participar do seu desenvolvimento, de forma que o Evangelho possa ser plantado nesses lugares como uma semente mesmo, não uma árvore já pronta importada de outro contexto.

Segundo Ronaldo Lidório, o Evangelho consegue uma capilaridade melhor e por mais tempo em uma nova cultura através da plantação de igrejas com desenvolvimento de lideranças locais que dão continuidade ao trabalho iniciado.²⁰ Isso deveria mudar a nossa mente para reconhecer, valorizar e honrar os dons de todos os povos, sabendo que todos eles são essenciais no avanço do Reino. No paradigma emergente atual da missão²¹, o movimento não parte mais de um único país e região em direção ao novo mundo pagão, mas é uma

²⁰ LIDÓRIO, Ronaldo. *Plantando Igrejas*, 2007

²¹ GOHEEN, Michael W., *A Missão da Igreja Hoje: A Bíblia, a História e as Questões Contemporâneas*, 2019, p. 340.

missão do mundo todo para o mundo todo. Novos teólogos africanos, latino-americanos e de outras regiões que antes eram tidas como Terceiro Mundo (inferiores) tem se levantado como vozes proféticas na atualidade e o mundo precisa aprender a parar e ouvir o que tem ecoado desses lugares. Mas, infelizmente, nos países do norte global que eram predominantes no discurso teológico, ainda há certos preconceitos e resistências com o que tem sido produzido nesses outros lugares. Eles querem usar suas próprias teologias como réguas, rejeitando o que for diferente. Mesmo o que é aceito, é aceito porque confirma algo que eles já afirmavam, de forma que ainda os coloca no lugar de superioridade.

Assim, missão deve partir da relação, que deve pressupor respeito, confiança, envolvimento mútuo, honra, sinceridade e reciprocidade. Uma cultura não precisa da validação da outra para existir ou ter o seu valor. Somente as Escrituras podem possuir esse crivo, validando o que é bom e rejeitando o que é mau. Além disso, somos chamados a trabalhar em cooperação mútua com parcerias que respeitem as diferenças culturais e mesmo econômicas. Como aponta Michael Goheen:

O colonialismo foi desmantelado durante a metade do século 20, mas questões econômicas persistentes continuam a causar problemas. O Ocidente continua a ter poder financeiro, e como usar esse poder não está claro. Aquele que dá deve ser responsável pelo modo como esse dinheiro é usado. No entanto, isso pode facilmente levar a uma dependência insalubre; afinal, quem paga, manda. Como a igreja no Ocidente pode usar sua riqueza com responsabilidade sem tirar o poder das igrejas mais pobres? Nosso passado colonial, com a mentalidade e as estruturas que ele produziu, torna difícil responder a essa pergunta.²²

²² Ibidem, p. 340

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este nosso estudo evidenciou como as culturas são construídas por seres de relação cujos corações são moldados por narrativas e relacionamentos, de forma que a Colonização e a História Única rompem vínculos essenciais à construção da identidade humana e desonram à *Imago Dei*.

É preciso repensar e reestruturar as dinâmicas entre os povos para que possam criar um ambiente de respeito, confiança e honra entre as culturas sem que haja uma sobreposição de umas que detêm o poder sobre as outras. Essa será a realidade escatológica na reunião de várias tribos, línguas e nações diante do Cordeiro por toda a eternidade.

Logo, precisamos vivenciar uma cura em amor e justiça reconstruindo os laços destruídos, recontando as narrativas dos povos valorizando-os em suas complexidades históricas. Somos chamados a ouvir a pluralidade de vozes que o próprio Deus colocou no mundo. Quando damos abertura para que o outro também fale, criamos uma dinâmica de reconciliação, justiça e acolhimento. Cada vínculo recuperado nos recoloca como humanidade em movimento.

“A Missão é o movimento de Deus buscando adoradores de todas as culturas, até que o mundo se torne coral de adoração ao Cordeiro.”²³

²³ NEWBIGIN, Lesslie. *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, 2016.

REFERÊNCIAS

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 10ª ed. São Paulo, SP: Centauro Editora, 2009, original em alemão *Ich und Du* (S'a. ed. Lambert Schneider, Heidelberg, 1974); trad. Newton Aquiles Von Zuben.

DUPONT, Anthony e LIN, Davi C. R., **Unidade cordial da pessoa humana e da comunidade**: o símbolo do coração nos escritos e na recepção artística de Agostinho de Hipona. *Franciscanum*, 175, Vol. 63, 2021.

EDGAR, William. **Criados para criar**: uma teologia bíblica da cultura. 1ª Edição. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2022. Original em inglês: *Created and creating: a biblical theology of culture*. InterVarsity Press, Downers Grove, IL, Estados Unidos, 2017, trad. Josafias Cardoso Ribeiro Júnior.

GOHEEN, Michael W.; BARTHOLOMEW, Craig G., **Introdução à Cosmovisão Cristã**: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea. 1ª edição. São Paulo: Editora Vida Nova, 2019; original em inglês *Living at the crossroads: an introduction to Christian worldview*. Grand Rapids: Michigan, 2008; trad. Marcio Loureiro Redondo.

GOHEEN, Michael W., **A Missão da Igreja Hoje**: A Bíblia, a História e as Questões Contemporâneas. 1ª Edição, Viçosa-MG, Editora Ultimato, 2019; original em inglês *Introducing Christian Mission Today*. InterVarsity Press, Downers Grove, IL, Estados Unidos, 2014, trad. Valéria Lamim Delgado Fernandes.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**: Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no Evangelho. 1ª ed. São Paulo, SP: Editora Vida Nova, 2014, original em inglês *Center Church: Doing Balanced and Gospel-Centered Ministry in Your City* (Zondervan, Grand Rapids, Michigan, EUA, 2012); trad. Eulália Pacheco Kregness.

LAUSANNE COMMITTEE FOR WORLD EVANGELIZATION. **The Willowbend**

Report: Consultation on Gospel and Culture. 1978. Disponível em:

<<https://lausanne.org/occasional-paper/lop-2>>. Acesso em: 05/12/2025.

LIDÓRIO, Ronaldo, **Plantando Igrejas**. 2ª Edição. São Paulo, SP, Editora Cultura Cristã, 2007.

LIN, Davi C. R., **Agostinho de Hipona e a redescoberta do potencial terapêutico da teologia narrativa para a saúde mental**. *Cuestiones Teológicas*, 49(112), 2022.

McGRATH, Alister E. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica: uma introdução à teologia cristã**. 1ª ed. São Paulo, SP: Shedd Publicações, 2005, original em inglês *Christian theology: an introduction* (3ª ed. Blackwell Publishing Ltd, Oxford, 2005); trad. Marisa K. A. de Siqueira Lopes.

MUELLER, Enio R., **Caminhos de Reconciliação**, Joinville-SC, Editora Grafar, 2010.

NEWBIGIN, Lesslie. **O Evangelho em uma Sociedade Pluralista**. Viçosa-MG, Editora Ultimato, 2016, original em inglês *The Gospel in a Pluralist Society* Grand Rapids: Eerdmans, 1989; trad. Valéria Lamim Delgado Fernandes.

S. AGOSTINHO. **Confissões**. 1ª ed. São Paulo, SP: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017, original em latim *Confessiones*, trad. Lorenzo Mammì.

IGREJA LOCAL E AS MUDANÇAS PARADIGMÁTICAS GLOBAIS: DESAFIOS PARA UMA MISSIOLOGIA DIASPÓRICA

Rebeca Elisie Fontoura¹

Resumo

O presente artigo busca analisar os impactos causados pelo crescente movimento migratório global para as comunidades locais e a oportunidade para missões locais a partir da diáspora. O crescimento das cidades e a diversidade cultural encontrada nos grandes centros urbanos trás consigo novos paradigmas e desafios para a missão e exigem novas abordagens e estratégias missionárias por parte da igreja. É necessário que a comunidade de fé entenda como fazer para alcançar a diáspora através de uma missão holística, mas também preparem os membros da diáspora para cumprirem seu papel na missão diaspórica e além dela. A igreja local se torna a peça-chave nessa integração, compreendendo a sua própria cultura, deixando de lado o etnocentrismo, contextualizando de forma fiel e se baseando em relações que vai além de afinidades para a criação de uma comunidade sobrenatural. Seguindo o exemplo bíblico, a igreja local pode se tornar o lugar de comunhão de pessoas de todas as raças, tribos, línguas e nações.

¹ Bacharel em Relações Internacionais, em Estudos Interculturais, ORCID: 0009-0001-8511-9128.

Palavras-chave: Diáspora, Igreja Local, Migração, Paradigmas, Missiologia, Contextualização.

Abstract

This article seeks to analyze the impacts of the growing global migratory movement on local communities and the opportunity for local missions from the diaspora. The growth of cities and the cultural diversity found in large urban centers brings with it new paradigms and challenges for mission and deactivates new missionary approaches and strategies on the part of the church. It is necessary for the faith community to understand how to reach the diaspora through a holistic mission, but also to prepare members of the diaspora to fulfill their role in diasporic mission and beyond. The local church becomes the key piece in this integration, understanding its own culture, setting aside ethnocentrism, contextualizing faithfully, and basing itself on relationships that go beyond layers to create a supernatural community. Following the biblical example, the local church can become a place of communion for people of all races, tribes, languages, and nations.

Keywords: Diaspora, Local Church, Migration, Missiology, Contextualization.

INTRODUÇÃO

O mundo mudou radicalmente no último século, e com isso, mudam também os desafios missionários da igreja local. Há alguns anos atrás, os missionários transculturais eram vistos como aqueles que cruzam fronteiras nacionais em busca de evangelizar culturas distantes. Porém, hoje “as cidades são a nova fronteira de missões cristãs”². Goheen afirma que “temos um futuro urbano – e esse futuro está rapidamente se tornando o presente –, gostemos ou não”³.

De acordo com Greenway, o mundo se tornou urbano no século XX. “No começo do século, apenas 13% da população mundial vivia em cidades. Já no

² GREENWAY, 2009. p. 576.

³ GOHEEN, M. W. **A Missão da igreja hoje**. [s.l.] Editora Ultimato, 2021, p. 300

fim do século, metade da população do mundo era urbana. Em 1950, só duas cidades, Nova York e Londres, tinham mais de 8 milhões de habitantes”⁴. Porém, já em 2012 o número subiu para 27 megacidades, das quais 21 estavam no hemisfério sul. Esse crescimento teve início com a Revolução Industrial no Hemisfério Norte e foi impulsionado pela globalização no Hemisfério Sul.

Referindo-se à realidade urbana em que a igreja se encontra, Carlos del Pino indaga: “haveria campo missionário mais vasto e desafiador?”⁵. De fato, esta transformação mundial demográfica e geográfica traz consigo uma carga de desafios e necessidade estratégica muito diferente se comparado aos séculos anteriores. Mas, também traz oportunidades novas para a pregação do evangelho.

Como resultado da migração, a cidade possui uma característica única: boa parte da população já passou por mudanças. De acordo com Greenway, pessoas que passam por tais experiências de vida se tornam mais abertas ao evangelho. Ele chegou à conclusão de que

Deus está por trás da migração em massa de pessoas para as cidades. Ele está criando novas oportunidades para a expansão do evangelho entre grupos não alcançados, provenientes de cidades e vilarejos distantes. É nossa tarefa aproveitar a oportunidade e executar a ordem missionária de Cristo. [...] A migração maciça para as cidades, que ocorre hoje no mundo, pode ser, na providência de Deus, uma chave para a evangelização mundial. Por meio da urbanização, Deus está trazendo pessoas de toda raça, tribo e língua a lugares onde possam ser alcançadas com o evangelho.⁶

De forma semelhante, o Movimento de Lausanne e a Rede Global da Diáspora acreditam que “a nova realidade da migração mundial pode acelerar a missão

⁴ Ibid. 2009. p. 576.

⁵ PINO, Carlos del. Cidades. In: WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven (Orgs.). *Perspectivas no movimento cristão mundial*. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 582.

⁶ Op. cit. 2009. p. 578.

de Deus ao redor do planeta. A igreja global está diante de um momento *Kairós* — um tempo especial cheio de oportunidades e desafios”⁷.

Diante de tal oportunidade, a igreja passa a ter a responsabilidade de adequar suas abordagens e estratégias missionárias para abarcar os centros urbanos, principalmente as igrejas locais presentes na cidade. O desenvolvimento de igrejas vivas que pregam o evangelho e que se tornem a esperança para as cidades é a chave para as missões urbanas.

O Novo Testamento trata as igrejas como comunidades da “nova aliança” em Cristo, cuja missão é comunicar o evangelho e, pela sua presença e atividade, serem faróis e arautos do Reino de Cristo. Podemos dizer que as igrejas nas cidades são agentes transformadores de Cristo na sociedade. A estratégia de Paulo começou com evangelismo, continuou com plantação de igrejas e, por meio de seu ensino, escritos e exemplo, preparou as igrejas para serem luz, sal e fermento em suas respectivas comunidades. As igrejas que falham nisso são de pouca utilidade para a cidade.⁸

Portanto, é necessário que a igreja local desenvolva um papel transformador na cidade por meio da pregação do evangelho. Porém, a mudança populacional traz um novo desafio para a igreja local: a pregação e a membresia em um contexto multicultural. “Em muitos países, as populações urbanas são compostas por pessoas de vários contextos. Elas representam tribos diferentes, castas, raças e classes sociais e falam idiomas diferentes. Inevitavelmente, isso afeta a estratégia missionária e o desenvolvimento da igreja [...]”⁹.

De acordo com Wagner, os povos geograficamente distantes são tradicionalmente os alvos das investidas missionárias da igreja, mas no contexto urbano, há também um grupo que configura uma distância cultural, mas não geográfica.

⁷ **Pessoas em Movimento - Lausanne Movement.** Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/occasional-paper/pessoas-em-movimento#n-meros-em-crescimento-dados-e-tend-ncias>>. Acesso em: 18 nov. 2025.

⁸ GREENWAY, 2009. p. 579.

⁹ Ibid. 2009. p. 578.

Nas cidades de hoje, povos culturalmente distantes podem estar vivendo do nosso lado, a uma ou duas quadras de distância, mas podemos não vê-los como alvos para compartilhar o evangelho. Bakke diz: “Eles não serão alcançados para Jesus Cristo, a menos que as igrejas existentes se tornem intencionalmente multiculturais ou que igrejas mais acolhedoras sejam estabelecidas por eles e para eles.”¹⁰

Wan afirma que a missão para a diáspora tem implicações globais, mas uma aplicação local. “É imperativo que todos, desde os líderes da igreja local até os membros da igreja, reconheçam não só o que Deus está fazendo em nível global, mas como isto envolve cada um deles em nível local”¹¹. Faz-se necessário, portanto, que a igreja local em centros urbanos compreenda seu papel nas missões transculturais, porém locais.

IGREJA LOCAL, DIÁSPORA E OS NOVOS PARADIGMAS

O Movimento de Lausanne define “diáspora” como: ““disperso” ou “espalhado”, encontrada na tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta) e algumas vezes no Novo Testamento”¹². Esse termo é

usado coletivamente para descrever grupos étnicos, nacionais ou linguísticos marcados por algum tipo de deslocamento. Diferentemente de migrantes, que são aqueles que cruzaram uma fronteira ou foram arrancados de sua terra natal sob condições diversas, a diáspora inclui tanto os migrantes quanto seus descendentes, cujas identidades e senso de pertencimento — reais ou simbólicos — foram moldados pela experiência de deslocalização, mistura cultural ou percepção compartilhada.¹³

¹⁰ WAGNER, C. Peter. Estratégia Missionária. In: WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven (Orgs.). *Perspectivas no movimento cristão mundial*. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 569.

¹¹ WAN, Enoch. **Diaspora missiology : theory, methodology, and practice**. Editorial: Portland, Or: Institute Of Diaspora Studies Of Usa, Western Seminary, 2014, p.384, *tradução nossa*.

¹² **Pessoas em Movimento**, 2025.

¹³ *Ibid*, 2025.

Ou seja, a diáspora, que antes era o termo utilizado somente para os deslocados judeus, agora permite uma melhor análise do cenário global: o deslocamento pode ser interno (para um mesmo país), externo (para países estrangeiros), por diferentes motivos (desde perseguição e guerra até oportunidades empregatícias), voluntário ou involuntário, e afeta não só a primeira geração de deslocados, mas também sua descendência.

Por causa de sua variedade e abrangência, é difícil obter números que refletem a realidade da diáspora, porém, alguns estudos podem apontar o grande aumento que houve nos últimos anos. Se tratando de imigrantes internacionais, em 2020 era estimado que houvesse 281 milhões de pessoas morando em países diferentes do que nasceram, mais que o triplo dos 84 milhões que era estimado em 1970¹⁴.

Diante dessa realidade, a igreja, especialmente comunidades locais situadas em centros urbanos, é chamada a considerar uma missiologia da diáspora. De acordo com Wan essa “é uma nova área de pesquisa que não apenas estuda os fenômenos dos povos da diáspora, mas também busca estratégias e maneiras práticas de ministrar a eles”¹⁵.

Algumas das vantagens que a igreja local pode encontrar na missiologia da diáspora são: a sustentabilidade econômica, já que é uma missão local; a acessibilidade geográfica para alcançar o público-alvo; a facilidade política e legal, já que não precisam enfrentar restrições de outros países; a parceria entre pessoas e organizações que estão comprometidas com a Grande Comissão; o envolvimento de toda a igreja, à medida que não é uma missão levada apenas por experts ou missionários internacionais; se torna uma forma de encorajar cristãos da diáspora que não são sustentados pela igreja, para se tornarem trabalhadores para o reino; e o foco no sacerdócio do crente que é colocado na prática da missão.

De forma prática, a missiologia da diáspora deve se dar de algumas formas: uma missão para a diáspora e através da diáspora; uma missão holística; uma igreja local que pratica contextualização; e a formação de uma comunidade sobrenatural.

O Pacto de Lausanne afirma que “a evangelização mundial requer que a igreja inteira leve o evangelho integral ao mundo todo”¹⁶. Por isso, tratando-se de uma missiologia da diáspora, é necessário compreender seus dois aspectos: a diáspora como alvo do evangelho, e a diáspora como propagadora das boas-novas.

¹⁴ IOM. **World Migration Report 2024**. publications.iom.int, 2024.

¹⁵ WAN, 2014, p. 187, *tradução nossa*.

¹⁶ PACTO de Lausanne. *Lausanne Movement*. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/statement/pacto-de-lausanne#a-igreja-e-a-evangeliza-o>. Acesso em: 4 dez. 2025.

Primeiramente, é necessário que a igreja enxergue na diáspora a oportunidade de evangelização e entenda como fazê-lo.

A prioridade das missões da diáspora é “toda pessoa fora do Reino, em todos os lugares”; não há diferença entre alcançar muçulmanos em Nova York ou Paris e aqueles em Singapura e Hong Kong, especialmente entre trabalhadores contratados e empregados domésticos. No cumprimento da Grande Comissão, evangelismo e discipulado podem acontecer em navios transatlânticos e cruzeiros, em campos de refugiados ou em enclaves étnicos de centros metropolitanos.¹⁷

Uma das formas importantes de se fazer isso, que é comumente deixado de lado, é a missão através da diáspora. Ou seja, membros da diáspora sendo capacitados para a missão entre seu próprio povo. O alcance do evangelho entre essas comunidades pode se tornar mais fácil e a comunicação da mensagem mais efetiva à medida que a própria diáspora dispões de vantagens se comparado aos nacionais. Como afirma Wan,

Uma maneira de alcançar a diáspora é por meio das redes sociais de indivíduos, congregações e comunidades cristãs da diáspora. Os cristãos da diáspora, depois de se estabelecerem nos países de acolhimento, são pontes naturais para alcançar seus conterrâneos recém-chegados, pois têm a vantagem de compartilhar a mesma língua e práticas culturais com seus contrapartes não cristãos.¹⁸

Mas para que isso se torne possível, é necessário que os cristãos da diáspora sejam capacitados e mobilizados pelas igrejas locais para terem paixão pelos perdidos e habilidades para alcançá-los. Precisa haver uma mobilização para que se tornem Trabalhadores do Reino e levem o evangelho de forma estratégica aos próprios grupos da diáspora.

Porém, o potencial para evangelização não acaba na diáspora, vai além. A partir do momento em que os membros da diáspora forem capacitados para evangelização estratégica, eles se tornam missionários também para a população local.

Indivíduos e congregações cristãs da diáspora têm o potencial de alcançar não apenas seus conterrâneos na diáspora, mas também de expandir seus esforços missionários para participar de missões transculturais, alcançando membros da sociedade anfitriã. As experiências da diáspora os tornaram adaptáveis a novas línguas e

¹⁷ Op. cit. 2014, p. 187, *tradução nossa*.

¹⁸ Ibid. 2014, p. 187, *tradução nossa*.

culturas, preparando-os informalmente para o evangelismo transcultural.¹⁹

Se faz necessário que a igreja local capacite e envie a diáspora em missões entre a diáspora e além dela. O método de envio de missionários para países estrangeiros precisa se

ampliar para engajar efetivamente as populações da diáspora em todos os lugares. Aquelas que antes eram nações enviadoras se tornaram hoje campos missionários, e migrantes provenientes das então nações receptoras, agora estão ativamente alcançando tanto seus compatriotas quanto os povos dos países anfitriões.²⁰

Goheen afirma que “nossas palavras evangelísticas devem fluir de uma comunidade cuja vida demonstra a verdade do evangelho. Palavras podem ser baratas”²¹. A evangelização não deve somente se preocupar com o discurso, apesar de sua importância, mas deve ser afirmada por suas ações. A igreja que acredita que Deus irá redimir toda a criação, deve demonstrar sua preocupação com toda a criação através de suas ações.

“Se quiser oferecer um testemunho fiel do evangelho, a igreja deve ser vista como uma comunidade que se doa pelo bem do outro, uma comunidade que está profundamente envolvida nas necessidades e preocupações de sua vizinhança”²². Isso inclui agir em favor das necessidades específicas da diáspora.

As missões de diáspora envolvem uma abordagem holística que aborda as necessidades espirituais, sociais e práticas das comunidades da diáspora em terras estrangeiras, oferecendo serviços sociais, aulas de idioma, assistência para emprego e suporte comunitário, além do compartilhamento do evangelho — especialmente para aqueles deslocados em circunstâncias difíceis²³.

O exemplo das aulas de idioma é suficiente para compreensão da necessidade de um olhar particular que a igreja local deve ter para carências da

¹⁹ WAN, 2014, 189, tradução nossa.

²⁰ **Pessoas em Movimento**, 2025.

²¹ GOHEEN, 2021, p.198.

²² Ibid. 2021, p. 203.

²³ **Pessoas em Movimento**, 2025.

diáspora. Wan informa que “a língua se mostra um dos fatores mais importantes para a integração comunitária”²⁴, e

fornece recursos educacionais adicionais, como reforço escolar para crianças em idade escolar e cursos de inglês para adultos, tem se mostrado um método eficaz para ajudar grupos da diáspora [...] a se integrarem às comunidades locais. Isso também nos oferece uma excelente oportunidade para construir relacionamentos com indivíduos e abre a porta para o testemunho pessoal.²⁵

Portanto, entender quais são as demandas da comunidade da diáspora possibilitará a igreja local a ser vista como uma comunidade comprometida com a compaixão e justiça. Isso abrirá caminhos para a pregação para todos os povos, línguas e nações que se encontram na cidade.

Porém, ao ter acesso às comunidades diaspóricas, a igreja se depara com o desafio da comunicação transcultural.

IGREJA LOCAL E A CONTEXTUALIZAÇÃO

A contextualização é uma parte essencial da evangelização. Del Pino define contextualização como “uma ampla tarefa hermenêutica de compreender a palavra de Deus e transportar seu sentido para o contexto atual ou para o contexto do outro, causando o mesmo impacto que causou aos primeiros ouvintes”²⁶. O evangelho precisa ser comunicado de forma fiel em “todas as culturas, e [...] deve ser incorporado em um modo de vida. E, assim, a relação desse evangelho com a cultura é uma preocupação da igreja em missão por toda parte [...]”²⁷

Por exemplo, pode ser feito um contraste entre o Cristianismo e o Islã. Enquanto no último, é necessário que a pessoa interessada aprenda o idioma árabe para ler o Alcorão e a cultura muçulmana para se tornar adepto, Jesus escolheu uma comunidade para levar o evangelho a todas as nações até os

²⁴ WAN, 2014, p. 398, *tradução nossa*.

²⁵ Ibid. 2014, p. 399, *tradução nossa*.

²⁶ PINO, 2009. p. 584.

²⁷ GOHEEN, p. 214.

confins da terra. “A natureza do evangelho e da missão da igreja exige que ele seja traduzido para o idioma de muitas culturas”²⁸.

Desta forma, quando estamos levando a mensagem à diáspora, isso “demanda a capacidade de contextualizar a mensagem de Cristo, de modo espiritualmente autêntico, em múltiplos contextos, sem perder sua essência transformadora”²⁹. Porém, muitas vezes, as comunidades da diáspora possuem culturas que são estranhas à igreja local — tornando a tarefa ainda mais desafiadora.

Wan aponta a seguinte solução: “para alcançar pessoas na diáspora, precisamos atravessar com sucesso a distância cultural que nos separa. A divisão cultural é uma barreira formidável, pois faz com que nós e nossa mensagem sejamos percebidos como estrangeiros”³⁰. A cultura é a lente pela qual enxergamos o mundo e “para as pessoas da diáspora que deixaram tudo para trás, a cultura é o elemento que lhes dá identidade — pode ser tudo o que lhes restou”³¹, então não deve ser um aspecto negligenciado pela igreja.

O primeiro passo para esse exercício é os membros da igreja local deixarem de lado o etnocentrismo. O ser humano tem a tendência de enxergar sua própria cultura como superior ou mais avançada ou iluminada. Porém, Wan afirma que é necessário aprender com as diferenças culturais encontradas, começando com a percepção de que não existem culturas perfeitas — incluindo a sua própria. Goheen compara o etnocentrismo com uma jaula que pode aprisionar e domar o poder do evangelho. Nesse sentido, o evangelho estaria estritamente ligado com a sua expressão cultural, a qual se teria tornado normativa para todos. Essa foi a queixa de muitos povos com relação às missões realizadas pelo ocidente, que pregavam suas formas culturais além das boas-novas.

O oposto também deve ser evitado: o relativismo. “Essa é a situação em que nenhuma expressão cultural pode ser julgada boa ou ruim pela Escritura ou pela igreja proveniente de outra cultura”³². Ao invés disso, a igreja local precisa desenvolver uma visão sóbria sobre a cultura. Isso inclui enxergar, acusar e rejeitar a idolatria e pecado presente em todas as culturas, ao mesmo tempo que afirma as expressões culturais que não estão em oposição com o evangelho.

Após o distanciamento do etnocentrismo e o cuidado para não cair no relativismo, a igreja precisa começar a compreender a cultura da diáspora em questão.

²⁸ Ibid. 2021, p. 215.

²⁹ **Pessoas em Movimento**, 2025.

³⁰ WAN, 2014, p. 409, *tradução nossa*.

³¹ Ibid. 2014, p. 409, *tradução nossa*.

³² GOHEEN, 2021, p. 217.

Para alcançar pessoas na diáspora, precisamos possuir ao menos um conhecimento básico da história, cultura, idioma, religião, costumes e normas da comunidade da diáspora. Saber algo sobre sua história, seu país e sua cultura demonstrará que nos importamos com eles e reduzirá muito a sensação de ameaça que podem sentir. Outras ações incluem tomar a decisão de se aproximar, aprender saudações básicas em sua língua nativa, frequentar seus estabelecimentos comerciais e comer em seus restaurantes.³³

Na prática da missão da diáspora, a aproximação com as diferentes culturas fará com que a igreja local aprenda a contextualizar o evangelho para grupos específicos. Uma boa prática que pode ser incentivada entre os membros é o de fazer várias perguntas — e ouvir as respostas com sensibilidade. Também pode-se aprender a persistir nos convites para se aproximar das pessoas, praticando a hospitalidade. Muitas vezes, quando alguém de fora da cultura faz uma tentativa de aproximação ousada ela é respondida de forma educada, mas sem intenção de se concretizar. Porém, a persistência é que construirá as pontes entre culturas. Os membros da igreja não deveriam tentar uma vez e desistir.

Uma aproximação com a cultura permitirá uma pregação fiel do evangelho, assim como a demonstração de amor e hospitalidade que são parte essencial da vida em igreja. Somente assim os fiéis podem começar a derrubar os muros culturais e linguísticos que separam os locais da diáspora.

IGREJA LOCAL: UMA COMUNIDADE SOBRENATURAL FRENTE AO MULTICULTURALISMO

Uma das maiores dificuldades da diáspora em todo lugar é o aspecto relacional, relativo também ao senso de pertencimento. Muitas políticas sobre integração já foram escritas para tentar solucionar o problema, desde políticas de assimilação — em que imigrantes precisam se adaptar totalmente a cultura local, o que gera muitos conflitos — até o multiculturalismo — que prega a convivência e igualdade entre as culturas, mas que resulta em um distanciamento entre a diáspora e os locais. Porém, o maior potencial para integração está na igreja local.

A Igreja é feita de muitos membros de todos os povos, tribos, línguas e nações (cf. 1 Coríntios 12 e Apocalipse 7.9-11). Desde o primeiro século ela precisou lidar com as diferenças culturais entre os membros, à medida que os gentios se tornavam cristãos e a prática do judaísmo era revista. Em Gálatas, o Apóstolo Paulo acusa os judaizantes de tentar escravizar os gentios através da exigência de cumprimento da lei (cf. Gálatas 2). Da mesma forma, Lucas registra que no

³³ Op. cit. 2014, p. 410, *tradução nossa*.

Concílio de Jerusalém foi decidido que a prática da circuncisão (necessária na cultura judaica) não poderia ser imposta aos gentios (cf. Atos 15), mas, ao mesmo tempo, eles deveriam se abster de “[...] carne sacrificada aos ídolos, de sangue, da carne de animais estrangulados e da prática de imoralidade sexual” (Atos 15.29).

Portanto, a convivência de muitas culturas em uma mesma comunidade foi presente desde a igreja primitiva — incluindo os desafios que isso implica. A igreja começou como o lugar em que membros de outros povos poderiam se integrar, sendo desafiados a abandonar a idolatria de suas culturas, mas sendo afirmados como iguais em Cristo (cf. Gálatas 3.28). A igreja local do século XXI deve perpetuar essas práticas e se opor à separação e segregação. Mas, ela deve aprender a como fazer isso.

Wan afirma que “as igrejas locais precisam pensar em como acolher esses indivíduos e ajudá-los à medida que se juntam à nossa comunidade”³⁴. E para os membros da diáspora, essas barreiras vão além do idioma — há uma “tremenda diferença na cultura, visão sobre a família e, claro, religião. Essas barreiras podem ser bastante formidáveis, pois o medo de perder a própria cultura pode ser avassalador”³⁵

O papel da igreja local é não só afirmar a importância da diversidade, como fazer o esforço para a relação entre povos.

O paradigma relacional é uma resposta cristã oportuna ao clamor geral por relacionamentos no século XXI. Casamentos fracassados, famílias desfeitas e um crescente sentimento de alienação — resultantes da urbanização e da globalização — são apenas alguns dos muitos fatores que contribuem para a fome por relacionamentos humanos entre o homem moderno na sociedade contemporânea.³⁶

E, construindo relacionamentos que não esperam que a diáspora abandone todas suas diferenças culturais, o resultado seria menos parecido com um “caldeirão cultural” e mais como uma “tigela de salada”, onde os povos são misturados em um todo, e, ao mesmo tempo preservam suas características individuais.

Essa realidade é possível através do que Mark Dever chama de “comunidade sobrenatural”. De acordo com o autor, para formar uma comunidade, não é necessário o evangelho. Existem muitas ferramentas que tornam fácil a atração de pessoas para a igreja local, baseadas em semelhanças não espirituais, como igrejas com experiência de vida semelhante (grupos de solteiros, estudos bíblicos para recém-casados etc.), ou de identidade semelhante (igrejas de

³⁴ WAN, 2014, 394, *tradução nossa*.

³⁵ Ibid. 2014, p. 399, *tradução nossa*.

³⁶ Ibid. 2014, p. 198, *tradução nossa*.

cowboys, motoqueiros, artistas etc.), causa semelhante, necessidades semelhantes ou até posição social semelhante. Porém, mesmo que a igreja local possa ter programas que unem pessoas de acordo com afinidades, não deveria ser edificada em algo que existiria se Deus não existisse. Mark Dever dá a esse fenômeno o nome de “comunidade evangelho mais”, pois é baseada em algo além do evangelho. Mas, em contraste, a “comunidade que revela o evangelho” não depende somente de relacionamentos baseados em afinidades. Nesses lugares, “os líderes da igreja se focalizam em ajudar as pessoas a saírem de sua zona de conforto e cultivar relacionamentos que não seriam possíveis sem o sobrenatural”³⁷.

Comparando com a comunidade para qual Paulo escreveu Efésios, Dever afirma que a comunidade que revela o evangelho deve-se mostrar de duas formas: na largura e na profundidade. A primeira tem relação à inclusão de “pessoas tão divergentes quanto judeus e gentios”³⁸. A segunda diz respeito a unir as pessoas não apenas

para tolerar umas às outras, mas também para serem tão estritamente comprometidas que Paulo as chama “novo homem” e “nova família” (Ef 2.19). Paulo recorre aos laços mais profundos do mundo natural – os laços de etnia e de família – para descrever essa nova comunidade na igreja local³⁹.

Quanto mais uma comunidade prega o Evangelho e seus membros entendem sobre o perdão e o amor sobrenatural, mais a igreja se edifica para além de semelhanças, como a identidade cultural, mas como verdadeiro povo sobrenatural de Deus.

Mas, isso não significa que questões culturais deixam de ser relevantes ou que problemas são neutralizados. Mesmo em uma comunidade sobrenatural, a barreira cultural continua a ser uma preocupação. Por isso, também é necessário o desenvolvimento do que Hiebert chama de “comunidade bicultural”. De acordo com ele, a medida em que as pessoas se relacionam nas igrejas, devem ser criados novos padrões

de vida, trabalho, diversão e louvor — em resumo, uma nova estrutura cultural.

[...] É mais do que a soma ou a síntese dessas culturas. Na interação, sempre surgem novos padrões. No final, se a comunicação do evangelho ocorre entre pessoas de diferentes culturas, uma

³⁷ DEVER, Mark. **A Comunidade Cativante**. Editora Fiel, São Paulo, 2016, p. 29.

³⁸ Ibid. 2016, p. 32.

³⁹ Ibid. 2016, p. 33.

comunidade bicultural satisfatória deve ser trabalhada para que os dois lados encontrem uma medida de entendimento, confiança e satisfação mútuos.⁴⁰

Como afirmado pelo autor, a comunidade não passaria a ser uma síntese das culturas — concordando com a comparação da “tigela de salada” de Wan. Hiebert define essa igreja como um lugar onde “dois mundos se encontram. É constituída de pessoas que conservam ligações com suas culturas originais, mas que se encontram e trocam ideias”.⁴¹

Para isso, é vital o papel

dos cristãos nos países anfitriões como *construtores de pontes* entre as comunidades da diáspora e as igrejas locais, atuando como defensores, mediadores e tradutores culturais. Esses cristãos facilitam o diálogo intercultural e ajudam os migrantes a se integrarem à nova sociedade, ao mesmo tempo em que são transformados por essas relações.⁴²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades cada vez mais se tornam uma oportunidade para missões transculturais. A diáspora encontrada nos centros urbanos deve se tornar parte da estratégia missionária da igreja. E, como afirma Wan, as agências missionárias “não têm o contexto local necessário para alcançar pessoas na diáspora”⁴³, portanto, o dever de alcançar, evangelizar, incluir e discipular a diáspora pertence à igreja local.

Nosso objetivo, portanto, deve ser simplificar nossa compreensão da missiologia da diáspora e comunicá-la de forma clara, de modo que o membro comum das nossas igrejas locais possa começar a dar passos práticos para viver como testemunha entre as pessoas da diáspora com quem já mantém contato. As organizações missionárias, sozinhas, não conseguem alcançar eficazmente essas pessoas.⁴⁴

⁴⁰ HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a Diversidade das Culturas**. Edições Vida Nova, p. 230.

⁴¹ HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a Diversidade das Culturas**. Edições Vida Nova, 231.

⁴² **Pessoas em Movimento**, 2025.

⁴³ WAN, 2014, p. 385, *tradução nossa*.

⁴⁴ Ibid. 2014, p. 385, *tradução nossa*.

Os membros da igreja local, assim como a liderança, precisam ser preparados e treinados para lidar com as diferenças culturais, aprenderem a contextualizar a mensagem do Evangelho e entenderem como suprir as necessidades específicas dos grupos da diáspora que se encontram em suas cidades. Da mesma forma, cristãos membros da diáspora precisam ser motivados para trabalharem como agentes do Reino de Deus, pregando o evangelho para todos os povos e entendendo o papel importante que têm para a missão de Deus, a partir do lugar onde estão, ainda que não tenham sido enviados para outro local por uma igreja.

Somente com a formação de uma comunidade sobrenatural é que pessoas em diáspora realmente serão integradas na igreja. O objetivo não pode ser que o migrante simplesmente ignore diferenças culturais, nem que a igreja local defina um público-alvo e busque atrair as pessoas através de grupos de semelhança. Mas, à medida que o Evangelho é conhecido, ele se torna o ponto de união entre as pessoas, mesmo que isso ainda signifique que os desafios não desaparecerão — assim como foi na igreja primitiva.

REFERÊNCIAS

DEVER, Mark. **A Comunidade Cativante**. Editora Fiel, São Paulo, 2016.

HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a Diversidade das Culturas**. Edições Vida Nova, 2001.

IOM. **World Migration Report 2024**. publications.iom.int, 2024.

GOHEEN, M. W. **A Missão da igreja hoje**. [s.l.] Editora Ultimato, 2021.

GREENWAY, Roger S. O Desafio das Cidades. In: WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven (Orgs.). *Perspectivas no movimento cristão mundial*. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 576–581.

LAUSANNE MOVEMENT. *Pacto de Lausanne*. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/statement/pacto-de-lausanne#a-igreja-e-a-evangeliza-o>>. Acesso em: 4 dez. 2025.

Pessoas em Movimento - Lausanne Movement. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/occasional-paper/pessoas-em-movimento#n-meros-em-crescimento-dados-e-tend-ncias>>. Acesso em: 18 nov. 2025.

PINO, Carlos del. Cidades. In: WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven (Orgs.). *Perspectivas no movimento cristão mundial*. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 564–575.

WAGNER, C. Peter. Estratégia Missionária. In: WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven (Orgs.). *Perspectivas no movimento cristão mundial*. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 564–575.

WAN, Enoch. **Diaspora missiology : theory, methodology, and practice**. Editorial: Portland, Or: Institute Of Diaspora Studies Of Usa, Western Seminary, 2014.

A DANÇA DA GRAÇA: UMA TEOLOGIA PRÁTICA DA INTERDEPENDÊNCIA E DO CUIDADO MÚTUO

Aline de Almeida Braga Ribeiro¹

Resumo: O presente artigo propõe uma análise teológica e prática sobre o Cuidado Mútuo dentro da comunidade cristã. Em contraposição à cultura contemporânea do individualismo e da autossuficiência, explora-se a dinâmica bíblica da interdependência. A partir da exegese de textos-chave e do diálogo com autores históricos como Dietrich Bonhoeffer, C.S. Lewis e Charles Spurgeon, o texto dissecar os papéis do "Agente" e do "Receptor" de cuidados, a ética da comunicação na dor, o ministério do silêncio e a necessidade imperativa do autocuidado como base para um serviço sustentável e glorificador a Deus.

PALAVRAS-CHAVE: Cuidado Mútuo. Interdependência. Ministério da Presença. Vulnerabilidade. Autocuidado.

Abstract: This article proposes a theological and practical analysis of Mutual Care within the Christian community. In contrast to the contemporary culture of individualism and self-sufficiency it explores the biblical dynamic of interdependence. Drawing from the exegesis of key texts and a dialogue with historical authors such as Dietrich Bonhoeffer C.S. Lewis and Charles Spurgeon the text dissects the roles of the "Care Agent" and the "Care Recipient" the ethics of communication in suffering the ministry of silence and the imperative need for self-care as a foundation for sustainable and God-glorifying service.

KEYWORDS: Mutual Care. Interdependence. Ministry of Presence. Vulnerability. Selfcare.

¹ Aline de Almeida Braga Ribeiro - Mestre em Teologia Prática pela FABAPAR - Faculdades Batista do Paraná, Pós-graduada em Aconselhamento e Capelania e Bacharel em Teologia; Gestora do Bem-Estar da Junta de Missões Mundiais da Convenção Batista Brasileira. Terapeuta Integrativa e idealizadora do site especializado www.portaldecuidados.com.br. Casada com Gerson Daminelli Ribeiro e mãe de Camila, Priscila e Isabela. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3888-0582>

INTRODUÇÃO: O MITO DA AUTOSSUFICIÊNCIA E O DESIGN DA CONEXÃO

Há uma verdade silenciosa que ecoa nos corredores da alma humana, uma verdade que persiste mesmo quando a arquitetura social moderna tenta abafá-la com o ruído da produtividade e do sucesso individual: o ser humano não foi criado para caminhar sozinho. Desde o Éden, a sentença divina "não é bom que o homem esteja só" (Gênesis 2:18) estabeleceu a conexão não como uma preferência social, mas como uma necessidade ontológica.

No entanto, o mundo contemporâneo vende a ilusão sedutora da autossuficiência. Somos bombardeados por narrativas que aplaudem o self-made man, aquele que "vence sozinho", que não precisa de ninguém e cuja vulnerabilidade é vista como um defeito de fabricação. Mas no silêncio do quarto, quando as luzes do palco social se apagam, a realidade se impõe: a independência absoluta é solitária, exaustiva e, em última análise, contrária ao Evangelho.

O Cuidado Mútuo surge, portanto, não como um programa eclesialístico ou uma obrigação religiosa enfadonha, mas como a resposta da Graça para o anseio de pertencimento. É a "rede de segurança" tecida pelo próprio Deus onde a queda de um membro não é motivo de escândalo, mas de amparo. Como bem articulou o pastor batista Rick Warren a comunidade não é um acessório da fé, mas o seu ambiente vital.

Nós fomos criados para a comunidade, moldados para a comunhão e formados para uma família e nenhum de nós pode cumprir os propósitos de Deus sozinho. (WARREN 2013).

Este artigo convida o leitor a redescobrir a beleza de não caminhar só. O Cuidado Mútuo não se restringe aos corredores estéreis de um hospital ou à gravidade de um funeral; ele é a vida acontecendo na "dança" diária de amar e ser amado. Ele se manifesta na celebração da saúde, onde o amigo vibra com a conquista do outro; na simplicidade do dia a dia, através de uma escuta atenta

após um dia exaustivo; e, inevitavelmente, na tempestade, onde a presença firme se torna o sacramento visível da fidelidade de Deus.

Para compreender essa dinâmica, precisamos dissecar os dois papéis fundamentais que alternamos ao longo da vida: o Agente de Cuidados (aquele que tem o privilégio de servir) e o Receptor de Cuidados (aquele que precisa ter a coragem de ser servido). A saúde da igreja depende de quão bem desempenhamos e alternamos esses papéis.

1. A ANATOMIA DO AGENTE: SERVOS NÃO SALVADORES

Quando a vida nos coloca na posição de força, saúde ou recursos, recebemos um "convite sagrado": tornarmo-nos as mãos e os pés do amor de Deus na vida de alguém. A Bíblia descreve isso como o cumprimento da "Lei de Cristo" (Gálatas 6:2). Contudo, o nobre desejo de ajudar pode, se não for submetido ao Espírito Santo, degenerar em atitudes que ferem, em vez de curar. O Agente de Cuidados enfrenta batalhas internas que precisam ser vencidas para que o seu serviço seja, de fato, cristão.

1.1. A Tentação da "Síndrome do Salvador"

A primeira e mais perigosa armadilha para quem cuida é a "Síndrome do Salvador". Ao ver a dor, a confusão ou a necessidade alheia, o coração humano, muitas vezes impulsionado por uma ansiedade oculta, tenta assumir o controle. O Agente começa a acreditar inconscientemente que ele deve consertar a vida do outro. O cérebro entra em modo de resolução de problemas: "Qual versículo resolve isso?" "Que conselho fará ele parar de chorar agora?".

Essa postura não é cuidado; é arrogância disfarçada de piedade. Ela coloca o Agente num pedestal de superioridade, transformando o irmão sofredor em um "projeto de conserto". Charles Spurgeon alertava sobre o perigo de tentar carregar fardos que pertencem apenas a Deus, lembrando-nos de que a ansiedade no cuidado é, muitas vezes, uma forma de ateísmo prático:

A própria essência do cuidado ansioso é imaginar que somos mais sábios do que Deus e nos colocamos em Seu lugar como se

pudéssemos fazer por Ele o que Ele se comprometeu a fazer por nós.
(SPURGEON 2019).

O verdadeiro Agente de Cuidados deve fazer a difícil troca da "solução" pela "presença". Ele deve admitir: "Eu não sou o Messias. Eu não tenho a resposta mágica. Mas eu posso segurar sua mão enquanto você atravessa o vale." Isso retira o peso esmagador de ter que "salvar" o outro e devolve esse papel a Jesus, o único qualificado para exercê-lo.

1.2 O Respeito Sagrado: Tirando as Sandálias

Além de evitar o complexo de messias, o Agente deve cultivar um respeito profundo pela individualidade do outro. O coração do próximo é "solo sagrado". Não se entra nele arrombando portas com soluções prontas ou ordens ditatoriais "você tem que fazer isso". O Agente sábio tira as sandálias dos pés; ele pede licença. Ele pergunta: "Como posso caminhar ao seu lado nisso" em vez de ditar o ritmo da caminhada.

1.3 O Cofre e a Graça

Outro aspecto vital é a confidencialidade. A confiança é a moeda mais valiosa do Cuidado Mútuo. Quando alguém compartilha sua dor, entrega um tesouro frágil. O Agente deve ser um "cofre", não um "alto-falante". Fugir da fofoca, muitas vezes disfarçada de "pedido de oração", é um ato de proteção e amor, conforme nos ensina Provérbios 11:13. O Agente fiel encobre o assunto porque valoriza a dignidade do amigo acima da novidade da notícia.

Finalmente, o serviço deve ser prestado com graça, não como um comércio. Se ajudamos esperando retribuição ou gratidão eterna, estamos fazendo negócios, não ministério. O Agente cristão serve porque seu próprio coração transborda da gratidão por ter sido cuidado por Deus. Ele não preenche uma caderneta de dívidas; ele derrama graça porque vive debaixo da Graça.

2. A CORAGEM DO RECEPTOR: A FORTALEZA QUE PRECISA CAIR

Se o desafio do Agente é a soberba de querer salvar o desafio do Receptor é paradoxalmente o orgulho de não querer ser salvo. Vivemos em uma cultura que idolatra a força e a independência. Construimos nossa identidade sobre nossa capacidade de resolver problemas e "dar conta do recado". Quando a crise chega, seja o desemprego, a doença ou o luto, nossa reação instintiva é levantar a ponte levadiça e nos trancar na "Fortaleza" da autossuficiência.

2.1. O Orgulho de Pedro e a Lição do Lava-Pés

O episódio bíblico de João 13 ilustra magistralmente essa resistência. Quando Jesus se levanta para lavar os pés dos discípulos, o ato supremo de Cuidado Mútuo e serviço, Pedro reage com veemência: "Nunca me lavarás os pés". À primeira vista, parece humildade: "Senhor, tu és bom demais para isso". Mas, sob uma análise mais atenta, revela-se o orgulho. Pedro estava dizendo: "Eu não me sinto confortável em te ver me servindo. Eu prefiro servir a ser servido. Eu quero manter o controle da relação".

A resposta de Jesus desmantela essa fortaleza: "Se eu não te lavar não tens parte comigo". A lição é dura, mas libertadora: para ter parte com o Amor é preciso deixar o Amor cuidar de você. A vulnerabilidade não é o oposto da fé; é muitas vezes a sua expressão mais madura.

2.2. O Risco de Amar e Ser Amado

Para ser um bom Receptor é necessário depor as armas. Admitir a necessidade, "eu preciso de ajuda", exige uma força tremenda muito maior do que a força necessária para manter a aparência de integridade. O apologeta C.S. Lewis capturou a essência dessa vulnerabilidade inevitável nas relações de amor:

Amar é ser vulnerável. Ame qualquer coisa e seu coração certamente será torcido e possivelmente partido. Se quiser ter a certeza de mantê-lo intacto você não deve dar seu coração a ninguém..., mas nesse

esquife, seguro, escuro, imóvel, sem ar, ele mudará. Ele não será partido; tornar-se-á inquebrável, impenetrável, irremediável. (LEWIS 2017).

Recusar o cuidado é escolher esse esquife de isolamento. Aceitar a mão estendida, por outro lado, é um ato de humanidade que cura. Além disso, é um ato de generosidade para com o Agente. Jesus ensinou que "mais bem-aventurada coisa é dar do que receber" (Atos 20:35). Quando, por orgulho, recusamos a ajuda sincera de um irmão, estamos impedindo que ele experimente essa bem-aventurança. Ao abrirmos nossa necessidade, damos ao outro o presente de ser útil, de exercer o sacerdócio universal dos crentes.

3. A ARTE DA COMUNICAÇÃO: O FIM DA ADIVINHAÇÃO NO CORPO DE CRISTO

Um dos maiores entraves ao Cuidado Mútuo eficaz é o mito romântico da telepatia: a crença de que "se ele me amasse de verdade, saberia o que estou sentindo sem que eu precisasse dizer". Essa falácia transforma as relações em um perigoso jogo de adivinhação, onde o Receptor acumula ressentimento - "ninguém notou minha dor" - e o Agente acumula frustração - "eu tentei ajudar, mas não acertei".

O amor não é uma bola de cristal; o amor é intencional e comunicativo.

3.1. A Pedagogia da Pergunta: O Exemplo de Bartimeu

Jesus, o Mestre do cuidado, nos oferece o modelo perfeito de comunicação no seu encontro com o cego Bartimeu (Marcos 10). Ao ouvir os gritos do cego, Jesus para e faz uma pergunta que, aos olhos humanos, pareceria redundante: "O que queres que eu te faça?". Todos sabiam que Bartimeu era cego; a necessidade era óbvia. Por que perguntar?

Jesus perguntou para conferir dignidade. Ele queria ouvir da boca de Bartimeu a sua necessidade real. Ele recusou-se a presumir; ele escolheu dialogar. Se o Filho de Deus, que sonda os corações, não presumiu saber o que

era melhor para o outro sem perguntar, quem somos nós para "achar" que sabemos o que nosso irmão precisa?

O Agente de Cuidados deve aposentar a bola de cristal e adotar a prática da pergunta. Mais do que isso, deve abandonar a frase mais inútil do vocabulário cristão: "Se precisar de qualquer coisa, me chame". Essa oferta vaga transfere o fardo administrativo para quem já está sofrendo, obrigando-o a identificar a necessidade e vencer a vergonha de pedir. A alternativa bíblica é o "Menu de Cuidados": oferecer opções concretas. "Posso buscar as crianças na escola?", "posso deixar um jantar na sua portaria?", "posso orar com você por telefone por 5 minutos?". A especificidade é a linguagem do amor prático.

3.2. O Dever do Receptor: Ensinar o Cuidador

Por outro lado, o Receptor tem a responsabilidade de sair do silêncio passivo. Ninguém conhece a sua dor como você. Seus amigos podem amá-lo profundamente, mas eles não sabem que o cheiro de certas flores o enjoa na quimioterapia ou que visitas longas o exaurem. O Receptor deve tornar-se o "professor" do seu cuidador. Dizer "hoje eu preciso apenas de silêncio" ou "por favor, não me mandem versículos agora, só preciso saber que vocês estão aí" não é rudeza; é um serviço de utilidade pública que poupa a todos de mal-entendidos e mágoas.

Como bem apontou Timothy Keller, a transparência é o solo onde o amor real floresce:

Ser amado, mas não conhecido é reconfortante, mas superficial. Ser conhecido e não amado é o nosso maior medo. Mas ser plenamente conhecido e verdadeiramente amado é bem muito parecido com ser amado por Deus. (KELLER 2013).

A comunicação clara constrói essa ponte onde podemos ser plenamente conhecidos em nossas necessidades e ainda assim plenamente amados.

4. O MINISTÉRIO DA PRESENÇA: QUANDO O SILÊNCIO É A MELHOR TEOLOGIA

Talvez o aspecto mais difícil do Cuidado Mútuo para o cristão evangélico seja o silêncio. Somos o povo do Livro, o povo da Palavra. Diante da dor alheia, sentimos uma urgência quase incontrolável de preencher o vazio com pregações, versículos e explicações teológicas. Queremos "consertar" o sofrimento com a verdade correta.

4.1. O Desastre dos Amigos de Jó

O livro de Jó nos oferece um estudo de caso vital. Quando os amigos de Jó chegam e veem a dimensão da sua tragédia eles fazem algo extraordinário: sentam-se com ele na terra por sete dias e sete noites sem dizer uma palavra (Jó 2:13). Durante esse período eles foram os melhores conselheiros da história praticando o "Ministério da Presença". O desastre, e a repreensão divina posterior, começa exatamente quando eles abrem a boca para tentar explicar os "porquês" do sofrimento de Jó com uma teologia retributiva simplista.

4.2. O Perigo dos "Curativos Teológicos"

Muitas vezes, usamos versículos bíblicos como "curativos teológicos" ou "band-aids" para uma hemorragia emocional. Dizer "Deus está no controle" ou citar Romanos 8:28 - "todas as coisas cooperam para o bem" - para uma mãe no velório de um filho é teologicamente correto, mas pastoralmente desastroso naquele momento. A verdade dita sem empatia e fora de tempo fere.

O teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer, em sua obra clássica Vida em Comunhão, ressalta que o primeiro serviço que devemos ao próximo é ouvi-lo, e não falar com ele:

O primeiro serviço que se deve ao próximo na comunhão consiste em escutá-lo. Assim como o amor a Deus começa com a escuta de Sua Palavra assim o começo do amor pelo irmão é aprender a escutá-lo... Quem não consegue ouvir seu irmão logo não conseguirá ouvir a Deus. (BONHOEFFER 2016).

4.3. Holding Space: Segurando o Espaço

A psicologia moderna chama essa postura de Holding Space (Segurar o Espaço). Significa estar presente para outra pessoa sem julgá-la, sem tentar consertá-la e sem tentar influenciar o resultado. É criar um ambiente seguro onde o outro pode desmoronar sem ser criticado. É a coragem de dizer: "Eu não tenho palavras. Eu não sei por que isso está acontecendo. Mas eu estou aqui, e eu aguento ficar no escuro com você".

O Agente de Cuidados deve praticar a regra do acrônimo W.A.I.T. (Why Am I Talking - Por que Eu Estou Falando?). Antes de dar um conselho, deve perguntar-se: estou falando para ajudar o outro ou para aliviar a minha própria ansiedade diante da dor dele? O silêncio compartilhado é, muitas vezes, o eco mais fiel da compaixão de Deus.

5. SUSTENTABILIDADE: O MANDAMENTO DE AMAR A SI MESMO

Finalmente, nenhuma teologia do cuidado está completa sem abordar a sustentabilidade daquele que cuida. Existe uma "heresia prática" em muitos círculos cristãos que glorifica o esgotamento (burnout) como sinal de santidade. Acreditamos que, para cuidar do outro, precisamos nos anular, deixar de dormir, comer mal e abandonar nossa própria saúde. O resultado é uma legião de cuidadores exaustos, ressentidos e, ironicamente, incapazes de cuidar bem.

5.1. A Teologia da Máscara de Oxigênio

A metáfora da segurança aérea é perfeitamente aplicável à teologia pastoral: "Em caso de despressurização, coloque a máscara de oxigênio primeiro em você e depois auxilie quem está ao lado". Isso não é egoísmo; é lógica de sobrevivência. Um cuidador desmaiado não serve a ninguém. Se o Agente não cuidar de seu "tanque" físico, emocional e espiritual, ele não terá nada além de impaciência e amargura para oferecer ao Receptor.

Jesus resumiu a Lei em "amar ao próximo como a ti mesmo" (Mateus 22:39). Frequentemente esquecemos a segunda parte da equação que serve como régua. Se você se trata com negligência e desamor e ama o seu próximo da mesma maneira você será um péssimo cuidador. O autocuidado é a manutenção do instrumento de Deus.

5.2. O Ciclo do Ressentimento

Quando o Agente ignora seus limites, o cansaço transforma a compaixão em irritação. Começa-se a revirar os olhos para as necessidades do outro; brota o ressentimento: "eu faço tudo por ele e ele só reclama". Esse é o fim do Cuidado Mútuo.

O puritano Richard Baxter, escrevendo aos pastores no século XVII, já alertava sobre a necessidade de vigilância pessoal como pré-requisito para o cuidado do rebanho:

Vede, pois, por vós mesmos e por todo o rebanho... Cuide de si mesmo para que sua mente não se torne carnal e mundana... Cuide de si mesmo para que não lhe falem as graças que você prega aos outros. (BAXTER 1989).

Para que o cuidado seja uma maratona e não apenas um tiro curto de 100 metros, o Agente precisa estabelecer pausas sagradas. Jesus, o Salvador do mundo, frequentemente "retirava-se para lugares desertos para orar" (Lucas 5:16), dizendo "não" às demandas das multidões para dizer "sim" à renovação no Pai. Se o Messias precisava de pausas, quanto mais nós.

CONCLUSÃO: A ESPERANÇA DA CAMINHADA COMPARTILHADA

O Cuidado Mútuo, em última análise, não é sobre heróis e vítimas. Não existe uma casta de fortes e outra de fracos. Existe apenas uma roda de seres humanos imperfeitos, todos carentes da Graça, onde hoje tenho o privilégio de ser o Agente que te segura, sabendo que amanhã serei o Receptor que desesperadamente precisará do seu braço.

É uma troca sagrada de forças. É a aceitação da nossa humanidade compartilhada. Ao abandonarmos as máscaras da autossuficiência, ao trocarmos a adivinhação pela comunicação clara, ao valorizarmos o silêncio empático e respeitarmos nossos limites humanos, a igreja torna-se verdadeiramente o Corpo de Cristo: vivo, orgânico e curador.

Que possamos ter a coragem de viver essa interdependência. Pois a promessa final do Evangelho não é que a caminhada será fácil, mas que, através da presença do Espírito e da comunhão dos santos, nunca, jamais, teremos que caminhar sozinhos.

REFERÊNCIAS

BAXTER, Richard. **O Pastor Aprovado**. São Paulo: PES, 1989.

BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em Comunhão**. São Paulo: Editora Sinodal, 2016.

KELLER, Timothy. **O Significado do Casamento**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

LEWIS, C.S. **Os Quatro Amores**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

SPURGEON, Charles H. **Consolo para o Coração Ferido**. São Paulo: Pão Diário, 2019.

WARREN, Rick. **Uma Vida com Propósitos**. São Paulo: Vida Nova. 2019.

Ciência Aberta e a Prática Missiológica na Era Digital: Transparência, Colaboração e a Democratização do Conhecimento Missiológico

Anderson Silva de Araujo¹

Viviane Santos de Oliveira Veiga²

Fabio Bernardo da Silva³

Resumo

A Ciência Aberta, fundamentada na transparência, colaboração e acessibilidade, apresenta-se como um paradigma promissor para a renovação da produção e disseminação do saber no campo da teologia e da missiologia. Este estudo analisa a transposição dos princípios da Recomendação da UNESCO sobre Ciência Aberta (2021) para o ambiente missionário, defendendo a compreensão da informação teológica como um bem comum a serviço da igreja global. O artigo detalha a adaptação dos sete pilares da UNESCO ao contexto das agências e seminários

¹ Doutorando em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS-Fiocruz- 2024) com período sanduíche em Universidade de Coimbra (2025). Possui Mestrado em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS-Fiocruz- 2021 a 2023). e graduação em Letras - Português e Grego pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2001) e Graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2018). Especialização em Informação científica e tecnológica em saúde (2019). Graduação em Teologia - Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (1996). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5905-8213>

² Doutora em Ciências - área de concentração: Informação e Comunicação em Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde/Fiocruz , com período sanduíche em Universidade de Coimbra (2017). Mestre em Ciências - área de concentração: Gestão da Informação e Comunicação em Saúde pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca-Fiocruz (2005). Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (1999). Pesquisadora no Laboratório de Informação Científica e Tecnológica em Saúde, da Fundação Oswaldo Cruz. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde (PPGICS/ICT/Fiocruz). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8318-7912>

³ Doutorando em Ciências - área de concentração: Informação e Comunicação em Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde/Fiocruz. Mestre em Biologia Computacional e Sistemas - área de concentração: Sistemas de Informação pelo Instituto Oswaldo Cruz (2010). Especialização Em Docência do Ensino Superior Faculdade Venda Nova do Imigrante (2024). Especialização em Docência e Gestão na Educação a Distância pela ABEU Centro Universitário (2024). MBA em Gerenciamento de Projetos pela Fundação Euclides da Cunha UFF -RJ (2006). Especialização em Análise e Gerência de Projetos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-RJ (2002). Especialização em Análise e Gerência de Sistemas pelo Curso Preparatório para Escolas Militares CEPREM (1994). Graduação em Tecnólogo em Processamento de Dados pela Associação Brasileira de Ensino Universitário- ABEU (1993). Mineração de Dados pela DataCamp (2024). ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2922-6622>

missionários, destacando estratégias como a publicação em Acesso Aberto, o investimento em infraestruturas digitais (DSpace e Dataverse) e o uso ético da Inteligência Artificial para a contextualização e tradução de conteúdos. Ressalta-se a importância da Via Diamante como modelo sustentável e equitativo para a produção intelectual institucional. A aplicação de repositórios para a gestão de dados de campo baseada nos Princípios FAIR (Findable, Accessible, Interoperable, Reusable) é discutida como uma solução vital para a preservação da memória institucional e a mitigação da perda de conhecimento decorrente da rotatividade de pessoal. Conclui-se que a adoção destas práticas não constitui apenas uma inovação técnica, mas um imperativo ético e estratégico para promover a justiça cognitiva e responder com eficiência aos desafios contemporâneos da missão transcultural.

Palavras-chave: Ciência Aberta. Missiologia. Acesso Aberto. Dados de Pesquisa. Memória Institucional.

Abstract

Open Science, grounded in transparency, collaboration, and accessibility, emerges as a promising paradigm for renewing the production and dissemination of knowledge in the fields of theology and missiology. This study analyzes the transposition of the principles from the UNESCO Recommendation on Open Science (2021) to the missionary environment, advocating for the understanding of theological information as a common good at the service of the global church. The article details the adaptation of UNESCO's seven pillars to the context of missionary agencies and seminaries, highlighting strategies such as Open Access publishing, investment in digital infrastructures (DSpace and Dataverse), and the ethical use of Artificial Intelligence for content contextualization and translation. The importance of the Diamond Way is emphasized as a sustainable and equitable model for institutional intellectual production. The application of repositories for managing field data based on the FAIR Principles (Findable, Accessible, Interoperable, Reusable) is discussed as a vital solution for preserving institutional memory and mitigating knowledge loss resulting

from staff turnover. It is concluded that the adoption of these practices is not merely a technical innovation but an ethical and strategic imperative to promote cognitive justice and efficiently respond to the contemporary challenges of cross-cultural mission.

Keywords: Open Science. Missiology. Open Access. Research Data. Institutional Memory.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, para ler um artigo científico, era necessário pagar assinaturas caríssimas de revistas ou comprar o artigo individualmente. Isso criava uma barreira financeira, onde apenas pesquisadores de instituições ricas tinham acesso ao conhecimento de ponta, excluindo o público geral e cientistas de países ou instituições com menos recursos (Suber, 2012). Além disso, o conhecimento gerado, muitas vezes com dinheiro público, era cedido a editoras comerciais que detinham os direitos autorais (copyright), impedindo a livre circulação e reutilização desse saber (Larivière; Haustein; Mongeon, 2015).

A Ciência Aberta contrapõe-se a este modelo, propondo que a prática científica seja realizada de modo aberto, colaborativo e transparente. Segundo a definição do projeto Foster, a Ciência Aberta pode ser compreendida como:

A prática da ciência de tal forma que outros podem colaborar e contribuir, na qual os dados de pesquisa, as notas de laboratório e outros processos de pesquisa estão disponíveis livremente, em condições que permitem a reutilização, redistribuição e reprodução da pesquisa e dos dados e métodos subjacentes (Foster, 2021).

Este movimento transcende a mera disponibilização de artigos científicos. Trata-se de um conceito "guarda-chuva" que abarca múltiplas dimensões e pressupostos.

Na verdade, o mesmo termo evoca entendimentos bastante diferentes e abre uma infinidade de campos de batalha, que vão desde o direito democrático de acesso ao conhecimento financiado publicamente (por exemplo, o Acesso Aberto a publicações) ou a demanda por uma melhor aproximação entre pesquisa e sociedade (por exemplo, ciência cidadã) até o desenvolvimento de ferramentas gratuitas para colaboração (por exemplo, plataformas de mídia social para cientistas). Desse ponto de vista, a abertura poderia se referir a praticamente qualquer coisa: o processo de criação do conhecimento, seu resultado, o próprio pesquisador ou a relação entre a pesquisa e o resto da sociedade. (Fecher; Friesike, 2014).

Para além da abertura dos resultados, a Ciência Aberta implica a abertura do próprio processo de pesquisa, utilizando métodos, ferramentas e workflows que facilitem a partilha e a reutilização imediata (Bezjak et al., 2018).

Em resumo, Ciência Aberta é conhecimento transparente e acessível, compartilhado e desenvolvido por meio de redes colaborativas (Vicente-Sáez & Martínez-Fuentes 2018).

O objetivo central é dismantelar as barreiras financeiras, legais e técnicas que historicamente restringiram a circulação do conhecimento, promovendo uma ciência mais reprodutível e acessível.

A ascensão deste modelo é impulsionada, sobretudo, pela necessidade de democratização da ciência financiada com recursos públicos, garantindo que o retorno do investimento em pesquisa seja maximizado em benefício da sociedade.

2. ABRANGÊNCIA E IMPACTO DA CIÊNCIA ABERTA

A Ciência Aberta é frequentemente descrita como sinônimo de "boa ciência" ou "ciência realizada do modo certo" (Tennant, 2018). Esta associação deve-se ao fato de que suas práticas correspondem aos ideais de rigor, integridade e reprodutibilidade científica.

A relevância do movimento culminou na adoção da Recomendação da UNESCO sobre Ciência Aberta em 2021. Este documento histórico estabeleceu o primeiro quadro normativo internacional sobre o tema, reconhecendo a Ciência Aberta como um imperativo ético e social. Segundo a UNESCO (2021), ao tornar a ciência mais transparente e acessível, ela se torna consequentemente "mais justa e inclusiva".

Os objetivos desta recomendação incluem:

1. Promover uma compreensão comum da Ciência Aberta e seus benefícios;
2. Desenvolver um ambiente político propício para sua adoção;
3. Investir em infraestruturas e serviços abertos;
4. Promover a capacitação e a cultura de abertura na academia.

2.1 Benefícios Sistêmicos

A prática da Ciência Aberta revela inúmeras vantagens para os diversos atores do ecossistema científico (Mckiernan et al., 2016; Tennant et al., 2016):

Para os pesquisadores: A partilha dos resultados e métodos potencializa a visibilidade e o impacto da produção intelectual. Pesquisas abertas tendem a ser mais citadas e facilitam o estabelecimento de novas parcerias internacionais.

Para a eficiência científica: A abertura acelera a geração de novos conhecimentos, evita a duplicação de esforços e permite que dados preexistentes sejam reutilizados para novas análises.

Para a sociedade: O retorno do investimento público é maximizado, contribuindo diretamente para o crescimento econômico, o bem-estar social e a solução célere de desafios globais, como crises sanitárias e ambientais.

3. PILARES E MÉTODOS DE ABERTURA

A Ciência Aberta é sustentada por diversos pilares que abrangem diferentes etapas do ciclo de investigação. Conforme aponta Veiga:

Os princípios da ciência aberta se baseiam no acesso aberto aos dados de pesquisa e às publicações científicas, principalmente às financiadas com recursos públicos; ferramentas e métodos de pesquisa abertos; processos de investigação colaborativos; a implementação de uma ciência cidadã; e a inovação aberta (Veiga, 2017, p. 44).

Abaixo, detalham-se os componentes estruturais deste ecossistema.

3.1 Acesso Aberto (Open Access)

O Acesso Aberto (AA) é, talvez, o pilar mais consolidado e visível do movimento.

Por 'acesso aberto' a esta literatura, entendemos sua disponibilidade livre na internet pública [...] sem barreiras financeiras, legais ou técnicas, exceto aquelas inseparáveis do próprio acesso à internet" tradução nossa⁴. (BUDAPEST OPEN ACCESS INITIATIVE, 2002).

A Iniciativa de Acesso Aberto de Budapeste (BOAI), de 2002, foi um marco fundacional, definindo o AA como o acesso gratuito à literatura revisada por pares, permitindo a qualquer usuário "ler, baixar, copiar, distribuir, imprimir, pesquisar ou

⁴ No original: By 'open access' to this literature, we mean its free availability on the public internet [...] without financial, legal, or technical barriers other than those inseparable from gaining access to the internet itself" (BUDAPEST OPEN ACCESS INITIATIVE, 2002)

referenciar o texto integral". A única restrição aceitável no domínio do direito autoral (copyright) neste contexto é garantir ao autor o controle sobre a integridade do seu trabalho e o direito de ser devidamente citado.

Existem três estratégias principais para assegurar o Acesso Aberto, conhecidas como "vias":

3.1.1 A Via Dourada (Gold Road)

Refere-se à publicação em revistas de acesso aberto. Estas revistas não utilizam direitos autorais para restringir o acesso e não cobram assinaturas dos leitores. O financiamento destas publicações pode ocorrer através de subsídios institucionais ou através de taxas de publicação pagas pelos autores ou financiadores, conhecidas como Article Processing Charges (APC) (Suber, 2012).

Acesso Aberto Puro: Periódicos totalmente abertos, financiados por instituições ou via APC.

Acesso Aberto Híbrido: Periódicos comerciais que cobram assinaturas, mas oferecem a opção de tornar artigos específicos abertos mediante pagamento de uma taxa extra. O modelo híbrido é frequentemente criticado por gerar custos duplos às instituições: assinatura e publicação.

Ferramentas como o Directory of Open Access Journals (DOAJ) são essenciais para localizar revistas que operam sob este modelo.

3.1.2 A Via Verde (Green Road)

Consiste no auto-arquivamento ou depósito de publicações em repositórios digitais (institucionais ou temáticos). Nesta modalidade, o autor publica em uma revista (que pode ser fechada ou aberta) e deposita uma versão do artigo (geralmente o pre-print ou o post-print revisado) em um repositório de acesso livre (HARNAD et al., 2004). Esta via é estratégica para maximizar a disseminação sem custos adicionais de publicação. Exemplos notáveis incluem o arXiv (<https://arxiv.org/>) e repositórios institucionais como o Arca da Fiocruz (<https://arca.fiocruz.br/>). O diretório OpenDOAR (<https://opendoar.ac.uk/>) registra milhares de repositórios ao redor do mundo, facilitando a "Via Verde".

3.1.3 A Via Diamante (Diamond Road)

A Via Diamante refere-se a periódicos e plataformas de publicação que são totalmente gratuitos tanto para autores quanto para leitores. Neste modelo, não há cobrança de taxas de processamento de artigos (APCs). As publicações são

geralmente financiadas e mantidas por instituições acadêmicas, sociedades científicas ou fundos governamentais, funcionando como uma alternativa não comercial e sem fins lucrativos ao sistema tradicional de publicação (Fuchs; Sandoval, 2013). Esta via é crucial para garantir a equidade na produção científica, permitindo que pesquisadores de instituições com menos recursos também possam publicar em Acesso Aberto.

3.2 Dados de Pesquisa Abertos

A transparência e a reprodutibilidade da ciência dependem da disponibilidade dos dados brutos que sustentam as conclusões publicadas. O conceito de dados de Pesquisa Abertos visa a máxima circulação do saber, combatendo a privatização do conhecimento gerado com fundos públicos.

Eles podem ser definidos como:

Registros factuais (pontuações numéricas, registros textuais, imagens e sons) usados como fontes primárias para pesquisa científica e que são comumente aceitos na comunidade científica como necessárias para validar os resultados da pesquisa. Um conjunto de dados de pesquisa constitui uma representação sistemática e parcial do assunto que está sendo investigado. Tradução nossa⁵. (US NATIONAL, 1997,)

No entanto, a abertura de dados de pesquisa exige mais do que apenas disponibilizar arquivos na web. A qualidade e a utilidade dos dados dependem da adoção dos Princípios FAIR, propostos por Wilkinson et al. (2016). Os dados devem ser:

1. Findable (Encontráveis): Identificados por metadados ricos e identificadores persistentes (como DOIs), facilitando sua localização por humanos e máquinas.
2. Accessible (Acessíveis): Disponíveis através de protocolos padronizados e abertos. Mesmo quando os dados não podem ser totalmente abertos por questões de privacidade, os metadados devem permanecer acessíveis.

⁵ No original: "research data are defined as factual records (numerical scores, textual records, images and sounds) used as primary sources for scientific research, and that are commonly accepted in the scientific community as necessary to validate research findings. A research data set constitutes a systematic, partial representation of the subject being investigated" (US NATIONAL, 1997).

3. Interoperable (Interoperáveis): Utilizam linguagens e vocabulários controlados que permitem a integração com outros conjuntos de dados e sistemas.

4. Reusable (Reutilizáveis): Licenciados de forma clara e descritos com informações detalhadas sobre sua proveniência, permitindo novas análises e a replicação do estudo.

O Limite Ético da Abertura: É fundamental ressaltar que a abertura de dados não é absoluta. O lema adotado pela Comissão Europeia, "tão aberto quanto possível, tão fechado quanto necessário" (EUROPEAN COMMISSION, 2016), deve guiar a gestão de dados. Restrições éticas, de privacidade (como a LGPD no Brasil) e de segurança podem exigir que certos dados permaneçam restritos ou anonimizados.

4. A Ciência Aberta no Contexto Teológico-Missionário: Uma Adaptação dos Pilares da UNESCO

A Recomendação da UNESCO sobre Ciência Aberta (2021) estabelece um arcabouço global para a democratização do conhecimento científico. Ao transpor seus princípios para o domínio da teologia e da missiologia, emerge um paradigma que redefine a produção e disseminação do saber religioso, alinhando-o à visão de que a informação teológica é um bem comum a serviço da igreja global. Esta perspectiva ressoa com a compreensão de teólogos como Andrea Grillo, que defende a restituição da teologia ao seu "destino popular" (Grillo, 2021), e Sebastian Kim, que explora a teologia na esfera pública (Kim, 2011).

Os sete pilares da Ciência Aberta, conforme delineados pela UNESCO, podem ser adaptados e contextualizados para o ambiente missionário da seguinte forma:

1 Promover uma compreensão comum da Ciência Aberta: No contexto missionário, isso implica cultivar uma mentalidade que reconheça o conhecimento teológico não como propriedade exclusiva de instituições ou indivíduos, mas como um recurso coletivo para o avanço do Reino. É fundamental desmistificar a ideia de que o saber teológico é hermético ou restrito, incentivando a sua partilha e acessibilidade universal (UNESCO, 2021)

2 Desenvolver diretrizes e políticas: Agências missionárias, seminários e instituições teológicas devem estabelecer diretrizes claras e políticas institucionais que incentivem ativamente o compartilhamento de dados de pesquisa, materiais pedagógicos e publicações. Isso pode incluir a criação de mandatos de acesso aberto para teses, artigos e relatórios de campo, bem como o reconhecimento de práticas de ciência aberta em avaliações de desempenho e promoções.

3 Investir em infraestruturas e serviços: A criação e manutenção de repositórios digitais abertos, como plataformas baseadas em DSpace, são cruciais para armazenar, preservar e tornar acessíveis publicações, dados de pesquisa e outros recursos teológicos e missiológicos. Além disso, o investimento em ferramentas de colaboração aberta e redes de pesquisa facilita a interação e a co-criação de conhecimento entre teólogos e missionários em diferentes contextos geográficos e culturais.

4 Investir em capacitação e educação: É imperativo capacitar missionários, teólogos e estudantes em literacia digital e nas práticas da Ciência Aberta. Isso envolve o desenvolvimento de currículos que abordem a gestão de dados de pesquisa, o uso de licenças abertas, a publicação em acesso aberto e a ética do compartilhamento de conhecimento. A educação contínua garante que os profissionais estejam aptos a navegar e contribuir para o ecossistema da ciência aberta.

5 Fomentar uma cultura de Ciência Aberta e alinhar incentivos: A cultura acadêmica e missionária precisa transitar de um modelo focado na "propriedade intelectual" para um que valorize o "serviço ao corpo de Cristo". Contudo, é imperativo reconhecer a barreira econômica que esta transição impõe a instituições que historicamente dependem da venda de publicações para seu sustento. A viabilização de um acesso aberto sustentável — análogo à "Via Diamante" (Fuchs; Sandoval, 2013) — exige criatividade administrativa: implica deslocar a fonte de receita da venda final (ao leitor) para o financiamento institucional ou de doadores na base. Assim, o subsídio à produção intelectual passa a ser gerido como investimento missionário estratégico, assegurando que o custo não seja um impedimento para o acesso aos recursos vitais da igreja global.

6 Promover abordagens inovadoras para a Ciência Aberta em todas as etapas do processo científico: A adoção de tecnologias emergentes, como a

Inteligência Artificial, pode auxiliar a tradução e contextualização de textos bíblicos e teológicos, tornando o conhecimento mais acessível a diversas culturas. Contudo, esta aplicação deve observar o "Limite Ético da Abertura" (European Commission, 2016): é necessário cautela com o viés algorítmico, que pode introduzir distorções hermenêuticas ou culturais em traduções automatizadas. Desta forma, a tecnologia não dispensa, mas torna ainda mais urgente a supervisão de especialistas humanos — pastores, missionários e teólogos — para validar a integridade teológica da informação gerada.

7 Promover a cooperação internacional: A colaboração entre instituições teológicas e missionárias do Sul Global e do Norte Global é fundamental para reduzir as disparidades no acesso e na produção de conhecimento. Iniciativas conjuntas, intercâmbios de dados e recursos, e o desenvolvimento de padrões comuns podem fortalecer a rede global de pesquisa teológica e missiológica, garantindo que vozes diversas sejam ouvidas e valorizadas.

Ao abraçar esses pilares, a teologia e a missiologia podem não apenas democratizar o acesso ao conhecimento, mas também enriquecer a própria prática teológica, tornando-a mais transparente, colaborativa e relevante para os desafios contemporâneos da igreja global.

5. Memória Institucional para Dados de Campo

A aplicação prática de investir em infraestruturas e serviços abertos pode se dá através da implementação de repositórios digitais para mitigar a volatilidade da informação no campo. A rotatividade de missionários e a natureza muitas vezes efêmera do trabalho de campo podem levar à perda inestimável de conhecimento e experiência. Relatos, fotos, áudios, pesquisas demográficas e outras formas de dados coletados no campo são ativos valiosos que, se não forem sistematicamente preservados, podem se perder com a saída de um missionário ou equipe. Repositórios institucionais criados no DSpace e no Dataverse, oferecem uma solução robusta para este desafio, funcionando como uma memória institucional vital para a missão (Marcondes, C. H.; Sayão, L. F. 2005).

O DSpace e o Dataverse são softwares de código aberto amplamente utilizado por instituições acadêmicas e de pesquisa para gerenciar e preservar ativos digitais.

No contexto missionário, eles podem ser empregados para arquivar de forma organizada e segura uma vasta gama de dados de campo. Isso inclui relatórios de progresso, estudos etnográficos, registros linguísticos, fotografias de contextos culturais, gravações de áudio de testemunhos ou músicas locais, e pesquisas demográficas sobre populações não alcançadas. A centralização desses dados em um repositório garante sua preservação a longo prazo e facilita o acesso por pesquisadores e missionários futuros (Baudoin, P. 2004).

Continuidade e Eficiência Missionária: Ao criar um repositório de dados de campo, as organizações missionárias garantem que o conhecimento acumulado não se perca com a rotatividade de pessoal. Novos missionários podem acessar um acervo rico de informações sobre o contexto cultural, desafios e sucessos de missões anteriores, evitando a "reinvenção da roda" e permitindo uma transição mais suave e eficaz. Isso promove a continuidade do trabalho missionário, otimiza o uso de recursos e fortalece a base de conhecimento para a tomada de decisões estratégicas (Bailey, J. 2024).

A aplicação dos princípios FAIR (Findable, Accessible, Interoperable, Reusable) aos dados de campo missionários é crucial. Os dados devem ser facilmente encontráveis através de metadados ricos, acessíveis por meio de protocolos padronizados (com as devidas considerações éticas e de privacidade), interoperáveis para permitir a integração com outras bases de dados, e reutilizáveis com licenças claras e informações de proveniência. Isso maximiza o valor dos dados coletados e promove uma pesquisa missiológica mais rigorosa e colaborativa (Wilkinson, M. D., et al. 2016)

Conclusão

O paradigma da Ciência Aberta, com sua ênfase na transparência, colaboração e acessibilidade, oferece um caminho promissor para a teologia e a missiologia. A adaptação dos pilares da UNESCO ao contexto missionário e a adoção de tecnologias como a Inteligência Artificial e repositórios institucionais não são apenas inovações técnicas, mas imperativos éticos e estratégicos. Ao tratar o conhecimento teológico como um bem comum e ao preservar a memória histórica do campo missionário, a

igreja global pode fortalecer sua missão, promover a equidade no acesso ao saber e responder de forma mais eficaz aos desafios de um mundo em constante transformação.

REFERÊNCIAS

BAILEY, J. **Meeting the Digital Preservation Needs of Smaller Organizations**. In: iPRES 2024, Glasgow, 2024.

BAUDOIN, P. **Implementing an Institutional Repository**. 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/37599616_Implementing_an_Institutional_Repository_The_DSpace_Experience_at_MIT. Acesso em: 5 fev. 2026.

BEZJAK, S. et al. **Open Science Training Handbook**. [S.l.]: Zenodo, 2018. DOI: 10.5281/zenodo.1212496. Disponível em: Zenodo, 2018. DOI: 10.5281/zenodo.1212496. Acesso em: 6 dez. 2025.

BUDAPEST OPEN ACCESS INITIATIVE (BOAI). **Budapest Open Access Initiative**. 2002. Disponível em: <https://www.budapestopenaccessinitiative.org/>. Acesso em: 6 dez. 2025.

EUROPEAN COMMISSION. **Guidelines on FAIR Data Management in Horizon 2020**. Brussels, 2016.

FECHER, B.; FRIESIKE, S. Open Science: One Term, Five Schools of Thought. In: BARTLING, S.; FRIESIKE, S. (ed.). **Opening Science: The Evolving Guide on How the Internet is Changing Research, Collaboration and Scholarly Publishing**. Cham: Springer, 2014. p. 17-47.

FOSTER. **Open Science Definition**. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=https://www.fosteropenscience.eu/>. Acesso em: 2021.

FUCHS, C.; SANDOVAL, M. The Diamond Model of Open Access Publishing: Why Policy Makers, Scholars, Universities, Libraries, Labour Unions and the Publishing World Need to Take Non-Commercial, Non-Profit Open Access Serious. **TripleC: Communication, Capitalism & Critique**, Graz, v. 11, n. 2, p. 428-443, 2013.

GRILLO, A. **Teologia como bem comum**: é preciso restituí-la ao seu destino popular, à multidão. IHU Unisinos, 2021. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/categorias/613463-teologia-como-bem-comum-e-preciso-restitui-la-ao-seu-destino-popular-a-multidao>. Acesso em: 5 fev. 2026.

HARNAD, S. et al. The access/impact problem and the green and gold roads to open access. **Serials Review**, [S.l.], v. 30, n. 4, p. 310-314, 2004.

KIM, S. **Theology in the Public Sphere**: Public Theology as a Catalyst for Open Debate. London: SCM Press, 2011.

LARIVIÈRE, V.; HAUSTEIN, S.; MONGEON, P. The Oligopoly of Academic Publishers in the Digital Era. **PLoS ONE**, [S.l.], v. 10, n. 6, e0127502, 2015.

MARCONDES, C. H.; SAYÃO, L. F. Repositórios institucionais como estratégia para a gestão do conhecimento científico. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: CIN/UFSC, 2005.

MCKIERNAN, E. C. et al. How open science helps researchers succeed. **eLife**, [S.l.], v. 5, e16800, 2016.

SUBER, P. **Open Access**. Cambridge: MIT Press, 2012.

TENNANT, J. P. et al. The academic, economic and societal impacts of Open Access: an evidence-based review. **F1000Research**, [S.l.], v. 5, p. 632, 2016.

TENNANT, J. **Open Science is just good science**. 2018. Apresentação proferida no DARIAH Annual Event, Paris. Disponível em: Figshare. DOI: 10.6084/m9.figshare.7233770. Acesso em: 6 dez. 2025.

UNESCO. **Recomendação da UNESCO sobre Ciência Aberta**. Paris: UNESCO, 2021.

U.S. NATIONAL COMMITTEE FOR CODATA; COMMITTEE FOR A PILOT STUDY ON DATABASE INTERFACES. **Bits of power**: issues in Global Access to Scientific Data. Washington, D.C.: National Academy Press, 1997. Disponível em: <https://nap.nationalacademies.org/catalog/5504/bits-of-power-issues-in-global-access-to-scientific-data>. Acesso em: 5 dez. 2025.

VICENTE-SÁEZ, R.; MARTÍNEZ-FUENTES, C. Open Science now: A systematic literature review for an integrated definition. **Journal of Business Research**, [S.l.], v. 88, p. 428-436, 2018.

VEIGA, V. S. de O. **Percepção dos pesquisadores portugueses e brasileiros da área de Neurociências quanto ao compartilhamento de artigos científicos e dados de pesquisa no acesso aberto verde: custos, benefícios e fatores contextuais**. 2017. 294 f. Tese (Doutorado em Ciências) - Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/26842>. Acesso em: 5 dez. 2025.

WILKINSON, M. D. et al. The FAIR Guiding Principles for scientific data management and stewardship. **Scientific Data**, [S.l.], v. 3, 160018, 2016. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/sdata201618>. Acesso em: 05 fev. 2026.

RESENHA

GONZÁLEZ, Justo L. História do Movimento Missionário. São Paulo: Vida Nova, 2007.

A obra de Justo González é uma ampla síntese da trajetória missionária cristã, escrita com o propósito de apresentar a missão não como apêndice da história da Igreja, mas como parte central de sua identidade. Logo na introdução, fundamentada na Grande Comissão (Mt 28.19–20), o autor define conceitos como missiologia, missão e missões, insistindo que Deus é o verdadeiro protagonista da missão, e que a Igreja é fruto dessa ação divina. Um ponto crucial que González destaca é a separação artificial entre a história da Igreja e a história das missões como disciplinas, mostrando como essa divisão empobrece a compreensão da identidade da própria Igreja.

No capítulo 2, o autor volta-se à relação entre Bíblia, missão e história, apresentando quatro modelos de interpretação bíblica usados no campo missionário. Ele evidencia que a teologia bíblica da missão continua em construção, especialmente diante dos desafios do século XXI. A narrativa bíblica, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, é resgatada como fundamento da missão universal de Deus, com destaque para o ministério de Jesus, a ação do Espírito Santo e o testemunho da igreja primitiva. Essa leitura oferece uma ponte entre a história bíblica e a missão da Igreja ao longo dos séculos.

O capítulo 3 avança para a expansão missionária na Antiguidade, do período pós-apostólico até Constantino. González menciona personagens como Gregório de Neocesareia e descreve como o cristianismo se espalhou pelo norte da África, Espanha, França e Alemanha. O autor também reflete sobre a conversão de Constantino como marco histórico, analisando o impacto da união entre fé e poder político e os efeitos posteriores na obra missionária.

Já no capítulo 4, a atenção recai sobre a Idade Média. Longe de reduzi-la a uma “era das trevas”, González destaca a riqueza dos encontros entre cristianismo, cultura germânica e Islã, mostrando como esses embates obrigaram a Igreja a repensar sua missão. São Patrício, Agostinho de Canterbury e os missionários britânicos aparecem como figuras centrais, assim como a expansão bizantina até a Rússia. O avanço

islâmico dos séculos VII e VIII é tratado como um dos períodos mais difíceis para o cristianismo no Oriente Médio e no norte da África, revelando como a resposta militar foi uma distorção do evangelho. Essa análise é particularmente relevante, pois recorda que a cruz de Cristo não pode ser usada como símbolo de guerra nem confundida com projetos políticos.

O capítulo 5 traz a Idade Moderna, marcada pela preponderância das missões católicas e pela tímida participação protestante inicial. González detalha as missões espanholas e portuguesas no Novo Mundo, as iniciativas francesas e a expansão ortodoxa, até chegar ao surgimento das missões protestantes. O pietismo, o movimento morávio, o metodismo e os grandes avivamentos nos Estados Unidos aparecem como marcos do despertar missionário protestante, demonstrando que o impulso missionário moderno nasceu em contextos de avivamento espiritual.

No capítulo 6, já na época contemporânea, o autor destaca os impactos dos avanços tecnológicos e intelectuais no movimento missionário, além da consolidação do Vaticano I e da doutrina da infalibilidade papal. O papel de William Carey é ressaltado como precursor das missões modernas, ao lado do fortalecimento das agências missionárias voluntárias, especialmente na Inglaterra, Alemanha, Suíça e Estados Unidos. González mostra como esses centros se tornaram polos missionários que influenciaram o mundo todo, indicando que o movimento protestante encontrou vitalidade justamente na estrutura de agências e sociedades voluntárias.

Os capítulos finais ampliam a visão para o século XX. No capítulo 10, González analisa a América Latina, marcada pela marginalização inicial no movimento missionário global — em Edimburgo (1910) o continente sequer foi considerado campo missionário. Apenas com os congressos do Panamá (1916), Montevideu (1925) e Havana (1929) a região passou a ser incluída. O autor percorre país por país, descrevendo a presença missionária católica, protestante e, em alguns casos, ortodoxa, mostrando a complexidade e a diversidade da experiência latino-americana.

No capítulo 11, González apresenta lições aprendidas pela história missionária: a missão é sempre intercultural, exige convivência com diferentes culturas e desafia a Igreja a superar divisões internas. Ele aponta que muitas vezes o campo missionário revelou como, diante dos desafios, diferenças denominacionais se tornavam

secundárias, lembrando às igrejas locais a importância de cultivar uma visão de Reino que favoreça a cooperação. O capítulo também olha para o futuro, destacando o impacto das migrações e das mudanças demográficas no cenário missionário do século XXI.

A leitura de González é ao mesmo tempo informativa e desafiadora. Sua insistência em não separar a história da Igreja da história das missões resgata a centralidade da missão para a identidade cristã. Ao refletir sobre períodos de expansão e declínio, o autor evidencia tanto os erros do passado — como a associação entre fé e projetos de poder em certos contextos históricos — quanto os acertos, como os movimentos de avivamento espiritual que impulsionaram o envio missionário. A obra é panorâmica e, em alguns pontos, sacrifica aprofundamentos regionais, mas isso não diminui sua relevância.

Trata-se de um livro fundamental para missionários, líderes e acadêmicos que desejam compreender a missão como fio condutor da história da Igreja. Mais do que um recurso histórico, é um convite a aprender com o passado para discernir o presente e projetar o futuro da missão cristã. É leitura indispensável para qualquer igreja ou organização que queira fortalecer sua consciência missionária e alinhar sua prática à identidade bíblica e histórica do evangelho.

Daniel da Cruz Moulié Corrêa

VOZES DO CAMPO

PEPE Venezuela: Relato de Experiência de Discipulado Infantil e Cuidado Integral em Contexto de Vulnerabilidade

José Ricardo Nascimento Santos; Carmen Ligia Ferreira de Andrade

O PEPE Venezuela permanece cumprindo sua missão de promover educação, cuidado integral e formação espiritual de crianças, famílias e comunidades, mesmo em um cenário nacional marcado por instabilidade socioeconômica e clima de apreensão. O programa segue ativo, organizado e em constante alinhamento com a direção internacional, sustentado por uma rede ampla de voluntariado cristão que atua como extensão da presença da igreja local em territórios de vulnerabilidade. Atualmente, a operação conta com 109 unidades, alcançando 2.122 crianças em idade pré-escolar e mobilizando uma equipe de missionários-educadores e coordenação em múltiplos níveis, com coordenação nacional ativa.

Um aspecto distintivo do PEPE na Venezuela é a força da mobilização local. A atuação se dá por meio de uma equipe numerosa de voluntários comprometidos com o discipulado das crianças e com o suporte às famílias, mantendo o funcionamento do programa e garantindo continuidade mesmo quando o país atravessa períodos de maior tensão. Em momentos de risco e incerteza, o cuidado com a equipe e com as crianças é tratado com prudência: houve períodos em que as equipes permaneceram resguardadas, e as unidades entraram em recesso, sem que isso interrompesse o planejamento e a organização para o ciclo seguinte. Ainda que algumas atividades presenciais sigam a dinâmica do calendário escolar, o trabalho do PEPE continua “nos bastidores”, com organização pedagógica, coordenação, suporte às igrejas locais e preparação do novo ano letivo.

O impacto do programa aparece com clareza na dimensão espiritual e comunitária. Há múltiplos relatos de que crianças alcançadas pelo PEPE tornam-se ponte de acesso do evangelho aos seus lares: ao receberem Jesus, levam a fé para dentro de casa e catalisam processos de transformação familiar e integração com a igreja. Um exemplo emblemático é o testemunho de Brenda e Yoliannys, que conheceram Jesus no PEPE e hoje, junto com familiares, servem fielmente na igreja; sua irmã Elisbeth também foi alcançada e tornou-se missionária-educadora, evidenciando um ciclo de discipulado que gera multiplicação e protagonismo local. Esses episódios ilustram um padrão recorrente: o PEPE não apenas atende crianças, mas fortalece vínculos comunitários e amplia a capacidade de ação da igreja, produzindo frutos que se estendem para além da sala de aula.

Além do ensino bíblico e do cuidado pedagógico, o PEPE Venezuela sustenta um eixo de cuidado integral, reconhecendo que, em contextos de crise prolongada, a proteção e o desenvolvimento da criança dependem também de suporte material básico. Nesse

sentido, destaca-se a integração com o Programa Há Fome no Mundo (HFM), por meio da distribuição de Farinha Enriquecida (FE) e acompanhamento nutricional. Essa frente amplia o alcance do cuidado, beneficiando 2.200 crianças e 160 idosos em situação de vulnerabilidade nutricional, expressando de forma prática a missão cristã como promoção de vida e dignidade humana.

Um caso recente ilustra como a articulação entre PEPE e ação nutricional pode responder rapidamente a necessidades críticas. Em um bairro distante, a equipe foi acionada diante da gravidade da situação de crianças vulneráveis. Com apoio de uma nutricionista e avaliações em campo, identificaram-se 40 crianças com alto índice de desnutrição, que foram incluídas imediatamente no programa HFM, passando a receber a FE e cuidados associados. A intervenção, com triagem e incorporação célere ao atendimento, reforça a capacidade do programa de atuar com sensibilidade, coordenação e resposta prática, especialmente em áreas onde a vulnerabilidade infantil tende a ser invisibilizada. O efeito esperado vai além da suplementação: trata-se de estabilizar condições mínimas para que a criança volte a aprender, brincar, desenvolver-se e receber formação espiritual em ambiente seguro e acolhedor.

Apesar dos avanços, o relato evidencia desafios operacionais relevantes. Entre eles, a obtenção de suprimentos para o preparo da Farinha Enriquecida aparece como ponto crítico, exigindo oração, logística e sustentação de parcerias. Ainda assim, o programa segue alcançando 2.360 pessoas por meio do projeto nutricional, o que indica resiliência e continuidade mesmo diante de restrições e incertezas.

No horizonte do próximo ciclo, o PEPE Venezuela reafirma objetivos que podem ser lidos como eixos de avaliação para estudos de caso: (i) capacitar crianças em vulnerabilidade para prosseguirem os estudos com autoestima, preparo educacional e experiência espiritual; (ii) estimular participação ativa de pais e responsáveis no desenvolvimento integral; e (iii) mobilizar a igreja local para expressar a fé cristã em palavra e ação. Em síntese, trata-se de um modelo de missão que combina discipulado infantil, fortalecimento familiar, engajamento comunitário e resposta a necessidades básicas, sustentado por voluntariado local e coordenação ativa.

Como aprendizados centrais, este relato destaca que o discipulado de crianças pode ser um vetor consistente de transformação familiar; que o cuidado integral fortalece a legitimidade e o alcance da ação missionária em contextos de crise; e que redes robustas de voluntariado e coordenação permitem continuidade e adaptação mesmo quando o ambiente nacional se torna instável. Permanecem como pedidos de intercessão e atenção institucional: a proteção das crianças e equipes, a estabilidade do cenário nacional, a sustentabilidade de suprimentos e a perseverança de quem serve diariamente por amor às crianças e ao evangelho.

Os Últimos 17: Relato de Experiência de Discipulado em Contexto Sensível

Hoang Ramos (pseudônimo)

O Projeto “Os últimos 17 povos” é uma iniciativa em curso há mais de oito anos em um contexto sensível no Sudeste Asiático, voltada a ampliar o acesso ao evangelho entre 17 povos ainda não engajados no país. O foco do projeto é mobilizar e fortalecer uma presença missionária consistente que viabilize primeiros contatos estratégicos, discipulados iniciais e, quando houver condições, o surgimento de comunidades de fé. O trabalho alcança crianças, jovens e famílias, e também envolve a formação e o fortalecimento de parceiros locais, reconhecendo que a sustentabilidade do avanço depende, em grande medida, da continuidade da ação por pessoas do próprio contexto.

A necessidade do projeto se impõe porque os poucos cristãos locais, somados às iniciativas missionárias já existentes, não conseguem, sozinhos, manter um movimento intencional, contextualizado e contínuo de aproximação a esses povos não engajados. Embora haja esforços dirigidos a povos não alcançados, permanece uma lacuna entre “existir cristãos no país” e “haver acesso real e sustentado ao evangelho” para determinados grupos. Além disso, o cenário tem se tornado mais restritivo em função de mudanças legais e governamentais, com aumento de pressão e risco, o que exige prudência, adaptação e formação mais sólida de redes locais.

A estratégia do projeto se organiza em três frentes complementares. A primeira é uma base relacional - conhecida como Casa Abraão, voltada à construção de confiança e continuidade de relacionamento. A segunda frente envolve a formação de pequenos grupos em ambientes de convivência e trabalho, buscando constância, vínculo e acompanhamento progressivo. A terceira frente atua por meio de lideranças do ministério esportivo, utilizando o esporte e iniciativas de apoio social como ponte de relacionamento e linguagem de acesso comunitário. Em todas as frentes, a comunicação do evangelho é intencional, respeitosa e contextualizada, procurando identificar “pessoas de paz” e construir caminhos para discipulado inicial, sempre com prudência adequada ao ambiente.

Em termos de resultados consolidados, o projeto reporta mais de 150 conversões ao longo de sua história e estima alcançar mais de 500 pessoas por ano, considerando contatos recorrentes, participação em atividades e exposição continuada ao discipulado inicial. Há também evidências qualitativas de mudança comunitária: em ao menos uma região onde, no início, não havia sinais de presença cristã, hoje há crentes que dão bom testemunho, indicando que sementes de fé foram plantadas e passaram a ter expressão local.

Dois episódios ilustram de modo representativo os aprendizados do projeto e seu valor como relato de experiência. O primeiro aconteceu durante o processo de mapeamento e priorização dos 17 povos não engajados. A equipe analisou números, localização e acessibilidade, organizando uma lista de prioridades e estratégias de aproximação. Contudo, percebeu que alguns dos avanços iniciais ocorreram com povos que estavam no final da lista. Ao aproximar-se desses grupos, houve conversões inesperadas, reforçando a percepção de que, embora o planejamento seja essencial,

a dinâmica do campo frequentemente desafia a lógica linear de priorização. O aprendizado central foi que o planejamento orienta, mas não determina o ritmo nem os “pontos de abertura” no contexto.

O segundo episódio envolveu um povo que a equipe buscava há longo tempo, sem conseguir localizá-lo com precisão. Em uma visita a um vilarejo de outro grupo já conhecido, um obreiro identificou um fator decisivo: o povo procurado estava mesclado com aquele outro grupo, o que explicava a dificuldade de encontrá-lo como comunidade separada. Meses depois, um evento cotidiano trouxe confirmação e abertura concreta. Uma obreira, em uma conversa casual durante um deslocamento comum, compartilhou o evangelho com uma senhora, explicando com clareza a obra de Cristo. Naquele mesmo momento, a senhora entregou sua vida a Jesus. Ao final da conversa, descobriu-se que ela pertencia exatamente ao povo que a equipe procurava — e que estava retornando ao vilarejo associado ao grupo onde essa mescla havia sido percebida. A partir dali, tornou-se possível iniciar visitas e compartilhamento sistemático com esse povo, que por tanto tempo havia sido alvo de oração e busca.

Essas experiências reforçam que a construção de acesso missionário em contextos restritos depende de um equilíbrio entre planejamento e sensibilidade ao campo, além de atenção a realidades socioculturais que nem sempre aparecem em classificações formais. O projeto também enfatiza que o discipulado precisa ser relacional e contínuo, frequentemente baseado em histórias bíblicas e acompanhamento pessoal, e que novos convertidos enfrentam pressão e perseguição, exigindo prudência e cuidado na progressão do discipulado e na exposição pública da fé. Entre os desafios atuais, destacam-se o aumento de restrições legais, a necessidade de mais trabalhadores e a importância de preservar a saúde emocional da família e da equipe, reconhecendo que sustentabilidade espiritual e emocional é um fator crítico para a continuidade da missão.

Para o próximo ciclo, o Projeto “Os últimos 17 povos” pretende manter a presença regular em vilarejos e redes locais e ampliar a capacitação de parceiros com visão de pequenos grupos. Para os próximos dois a três anos, o sonho é ver povos hoje não engajados tornando-se efetivamente alcançados, com histórias bíblicas sendo comunicadas e internalizadas em sua própria língua, fortalecendo a compreensão, a transmissão da fé e a formação de comunidades cristãs com identidade local. Por razões de segurança e ética, nomes, localidades específicas e detalhes operacionais foram omitidos ou generalizados, preservando-se o conteúdo essencial da experiência e seus aprendizados.

A IMPORTÂNCIA DA LIDERANÇA MULTIPLICADORA EM GUINÉ-BISSAU

José Roberto dos Santos

Sônia Menezes Jacobina Santos

Uma liderança multiplicadora se faz notável quando a mesma mostra indícios de multiplicação com qualidade, com um alcance significativo de várias gerações de discípulos (II Timóteo 2:2), pois isto garante um legado multiplicador. Temos nos empenhado neste trabalho e temos visto muitos frutos. Vamos compartilhar alguns deles.

O irmão Isaque lala, um jovem de 22 anos, diácono da PIB em Bissau, está hoje à frente da nossa Congregação em Djoló (bairro de Bissau) e, após concluir o ensino médio, terminou também o Bacharel em Teologia EAD, e está, agora, no segundo ano de Direito e, além disso, está cursando o Mestrado/Doutorado em Teologia. Ele, no final do ano passado, assumiu a liderança da nossa formação missiológica da PIB de Bissau. Ele é um jovem muito aplicado no Reino de Deus. Ele começou trabalhando para a igreja como Missionário Educador do PEPE, depois assumiu o trabalho de Coordenador do mesmo até o final do ano letivo 2025. No ano passado ele, para sua subsistência, começou a dar aulas de Filosofia em uma escola da comunidade onde vive, tendo continuado a cooperar com o PEPE como voluntário, sendo também um dos nossos professores dos polos de Teologia nas aldeias e em Bissau.

O interessante é que o irmão Isaque lala é filho espiritual do Pr. Domingos Sambú, que o tutoreia e também recebe a nossa tutoria. Deus nos tem dado a alegria de caminharmos juntos com eles e perceber a ação de Deus através destes homens de Deus. O irmão Isaque não parou o discipulado nele, mas também está fazendo discípulos de Jesus. Um deles é o jovem Quevim José Pereira, o qual já está atuando como Missionário Educador no PEPE da sua Congregação (em Djoló), finalizando o Ensino Médio e trabalhando no consultório dentário, juntamente com o Pr. Domingos Sambú, o qual é estudante do Curso de Medicina Odontológica. Ou seja, o Quevim José Pereira está seguindo os passos do seu “avô espiritual”.

Continuando a falar sobre a formação de uma liderança multiplicadora de qualidade, gostaria de compartilhar sobre o irmão Alfredo Maninho, um jovem de 24 anos, também diácono, que está iniciando sua carreira acadêmica na área da Medicina, tendo como tutor o Pr. Lourenço Sanha Siga, seu pastor. Ele é vocacionado ao Ministério Pastoral e tem se espelhado no Pr. Mário N'Tick Nan Ala, que é médico/pastor da PIB Bissau, e está se especializando em Cardiologia. Logo, o Alfredo tem sido assessorado pelo mesmo, pois tem a mesma vocação ministerial e profissional e, por esta razão, está curando o Curso EAD de Bacharel em Teologia. Como é um jovem dinâmico, tem nos ajudado grandemente na liderança da juventude

em Bissau, juntamente com a nacional. Algo notável na vida deste irmão é que, quando ele ainda estava fazendo o Ensino Médio, foi assediado e perseguido na instituição em que ele estudava. O motivo foi que, por ele ser aplicado em seus estudos, era sempre excelente e exemplar em seu comportamento e no seu desempenho escolar, e a direção da instituição gostaria que ele se tornasse um padre. Porém, sua conversão e discipulado foram autênticos, e nenhuma proposta feita a ele foi suficiente para o fazê-lo mudar de ideia.

Na formação de líderes com qualidade, principalmente no Continente Africano, é muito importante que se inclua a formação profissional, para que as igrejas plantadas venham a ser relevantes na sociedade, e, conseqüentemente, é uma forma altruísta de garantir o autossustento da Igreja. No contexto guineense, como a maior parte da igreja é composta por pessoas jovens, o processo de autossustento é moroso, mas muito compensador, quando atingido. O discipulado e a formação de líder para líder (profissional, missional, teológica, familiar, espiritual, etc.) é essencial na Plantação de Igrejas saudáveis. Ou seja, a Vida sendo compartilhada na vida, que é o que Jesus nos ensinou e ordenou a fazer!

Esta liderança multiplicadora tem sido um referencial no nosso trabalho em Guiné-Bissau.

Continue orando por nós, pois cremos que, *porque o Filho vive e voltará* precisamos *completar a Missão* que Ele nos confiou!